

## CO NE XÃO

Seguidores de **religiões** vivem momento de adaptação com a volta dos encontros presenciais \* **Cosplay**, o hobby que se tornou meio de fuga da realidade \* Centros especializados motivam a população em situação de rua a se **reinsere**r na sociedade. \*Mente, corpo e alma em **sintonia** aliviam ansiedade e estresse \* Nova dinâmica de **convívio** proporciona alternativas de interação. \* Práticas esportivas retornam às praias da **Região**. Torcedores lotam **estádios** para rever times do coração. \* Ensino **híbrido**, um dos novos desafios na Educação. \*O convívio do homem com a **natureza** é uma necessidade. \*Flores embelezam e geram bons negócios. \*No contexto da **pandemia**, a tecnologia digital é essencial. A internet não é o futuro, é o presente.

\*Histórias de **CONEXÃO** são retratadas na edição de final de ano do **ENTREVISTA**.

**Antigos videogames trazem nostalgia para público fiel**

Pág 14

**AMEAÇA VEM DO MAR**

Págs 12 e 13

**DNA é meio de encontrar os antepassados**

Pág 15

## EDITORIAL

## A teia que nos une

O químico francês Antoine-Laurent de Lavoisier, famoso por suas teorias científicas, ousou dizer: “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. A palavra ‘transformação’ sintetiza bem o sentimento de resiliência necessário para adaptação. A sensação é que março de 2020 foi ontem, quando a Organização Mundial da Saúde decretou estado de pandemia de Covid-19. Dois anos depois, os impactos ainda reverberam na sociedade.

Entretanto, o cérebro humano tem facilidade para galgar em meio a situações adversas e trágicas. Nós, então, temos ainda mais destreza. Esse é o clássico

“jeitinho brasileiro” de lidar com os infortúnios da vida.

A Organização das Nações Unidas (ONU) avalia que a pandemia de coronavírus é o maior desafio vivido pela humanidade desde a Segunda Guerra Mundial. Momentos de luto, dor, angústia, solidão, mudanças. Vidas ceifadas, perdas na economia, na educação. É difícil imaginar que, com todas essas adversidades, haja algo que minimize ou neutralize os efeitos provocados pela doença. Estamos reaprendendo a viver e sobreviver, cada um buscando por um vínculo que conecte à nova realidade.

Nesta edição do ENTREVISTA, a turma do 8º semestre do curso

de Jornalismo da Universidade Católica de Santos explora os meios utilizados para o enfrentamento de conectar-se consigo mesmo e com o próximo.

Quando nos vimos isolados numa redoma de incertezas, o que nos uniu?

Novas percepções sobre a realidade, fabricando outras formas de sociabilidade e de situar-se no mundo. Conectar-se com a natureza, manter relações pessoais e profissionais por meios virtuais, unir forças por intermédio da fé... A estratégia pessoal de contenção de danos são inúmeras, e todas elas válidas.

Trilhar novos horizontes

faz parte da vida. Por exemplo, esta turma está se despedindo do ambiente acadêmico. Em breve, seremos oficialmente jornalistas. O que nos uniu? A esperança de, entre as inúmeras funções, narrar histórias do presente e escrever o futuro.

Diante desse cenário, valorizamos o ser mais humano e sua capacidade de adaptar-se, certos de que o que realmente importa é como nos expressamos e realinhamos o olhar rumo a novos caminhos.

A última edição do jornal ENTREVISTA 2021 começa agora. Estamos certos de que sentiremos falta, mas, a vida está em constante transformação. Somos uma metamorfose. E, assim como nós, esperamos que você leitor esteja pronto para as mudanças, afinal, é ela que nos mantém conectados.

Boa leitura. ❖

Marcella Ribeiro Passaes

Escolas permitem que haja conexões entre seres humanos, troca de conhecimentos, amadurecimento e evolução quanto ao convívio social. Com a pandemia de Covid-19 e o isolamento social, tais aspectos precisam ser cortados das vidas de crianças e adolescentes, resultando, muitas vezes, em ansiedade e emoções negativas.

O que faz das pessoas seres humanos é a capacidade de sentir e se conectar para existir, segundo a doutora em Psicologia Maria Leticia Marcondes Coelho de Oliveira. Ela diz que “se conectar virtualmente ficou cada vez mais fácil e acelerado dependendo da capacidade do Wi-Fi de cada um, mas sentir depende muito mais de um ser que vivencia outro ser”.

Maria Leticia acredita que as relações no ambiente de estudo, em ambientes interpessoais, acabam sendo de extrema importância para a qualidade de vida das pessoas, independentemente da idade em que se encontram. A manutenção dos relacionamentos familiares, sociais e afetivos, e as trocas interpessoais são essenciais para o bem-estar e a qualidade de vida de pessoas de todas as idades.

De acordo com o diretor do Colégio Don Domênico, Marcelo Mendes, os ensinamentos remoto e à distância funcionam para os alunos que, de fato, estão interessados em aprender, em especial os mais velhos, que possuem maior facilidade no quesito concentração. “Quanto às crianças, é



## ENSINO presencial é importante para a formação das crianças

nítida a falta que estar fisicamente na escola faz, tanto para o desenvolvimento intelectual quanto para o social, com os colegas”, afirmou.

Em uma pesquisa realizada durante o maior pico da pandemia de Covid-19 pelos psicólogos André Faro, Milena de Andrade Bahiano, Tatiana de Cassia Nakano, Catiele Reis, Brenda Fernanda Pereira da Silva e Laís Santos Vitti, foi constatado que, dentre 1.210 participantes, 53,0% apresentaram sequelas psicológicas moderadas ou severas, incluindo sintomas depressivos (16,5%), ansie-

dade (28,8%) e estresse de moderado a grave (8,1%). Dentre os grupos mais afetados, estudantes encontram-se em alta posição no ranking.

Silvana Monteiro de Queiroz, que é mãe de aluno no Ensino Infantil de Santos, expõe que seu filho, em meio ao ensino remoto, sentiu muito a falta do contato com outras crianças, de brincar, correr, dar risada e fazer as lições de casa juntos.

“Para mim, como mãe, o ensino presencial é fundamental para os mais jovens. O desenvolvimento mental do meu filho caiu nesse período e tenho

certeza que não seria dessa maneira se ele estivesse sendo estimulado diariamente no convívio social”, conta Silvana. A ansiedade se tornou presente e a inquietação dentro de casa também, fatores que a fizeram buscar ajuda psicológica para o filho.

Apesar de alguns pais, responsáveis e alunos sentirem falta do ensino presencial, a aula remota pode proporcionar maior autonomia ao estudante. Marcelo Mendes afirma que a independência é gerada por ser necessário que o aluno, por conta própria, consuma o conteúdo disponibilizado pelo professor e saiba administrar seus horários. “O estudante acaba tendo a obrigação de ser mais proativo, com uma ligação direta no processo de sua formação, criando laços maiores de conhecimento e conexão consigo mesmo”, afirma o diretor do Colégio Don Domênico.

A estudante do Ensino Superior de Santos, Maria Luiza Lombardi Ribeiro, relata ter se tornado mais independente no período da pandemia e acredita que a tecnologia, mais presente do que nunca no mundo, foi seu maior alicerce. “Para mim, a tendência é que a gente consiga cada vez mais fazer nossas tarefas sem precisar sair de casa, quando todas as medidas de restrição forem liberadas, tudo graças a tecnologia”, afirma.

O mundo virtual tem muitas vantagens, mas, de acordo com Maria Leticia, “no meio de todo esse imenso mecanismo, precisamos ser menos máquinas e mais humanos, sendo assim, minha escolha é não. Não ao mundo virtual, pois o mundo real é o canal da energia vital da escola da habilidade social”. ❖



**ENTREVISTA** Jornal Laboratorial do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade de seus autores

**Diretor do Centro de Ciências da Educação e Comunicação/ Coordenador do Curso de Jornalismo:**  
Prof. Me. Paulo Roberto Bornsen (Mtb. 22.201)

**Professores orientadores:**

**Textos:** Marcelo Di Renzo (Mtb. 11.008) e Tereza Cristina Tesser (MTb. 15.379)

**Diagramação:** José Reis Filho (Mtb 12.357)

**Editorial:** Lillian Rabelo

**Redação:**

Avenida Conselheiro Nébias, 300 - Vila Mathias,

Santos - SP - CEP: 11015-002. -

E-mail: [agencia.jor@unisantos.br](mailto:agencia.jor@unisantos.br)

Edição online por causa da pandemia



# Criatividade para enfrentar a PANDEMIA

**A EXPLOÇÃO** no uso das redes sociais durante o isolamento possibilitou que as pessoas ocupassem um novo lugar de comunicação, explorando a autenticidade na criação de conteúdo

Lílian Rabelo

A capacidade de adaptar-se é inata à natureza humana. Quem imaginaria que todo o mundo necessitaria ficar em isolamento por quase dois anos enfrentando um vírus letal? Foi preciso reunir forças e do melhor jeitinho brasileiro ter jogo de cintura para ir ao combate. As redes sociais se tornaram refúgio para um povo criativo durante um dos ciclos mais difíceis e desafiadores que já vivenciamos.

Uma palhaça e um motorista de ônibus aparentemente não teriam nada em comum, mas com todos os percalços impostos pela doença, ambos se tornaram produtores de conteúdo para mídias sociais. Julia Bertolini, de 42 anos e Anderson Marcelino D'Amigo Gonçalves, de 40, viram no ambiente virtual a possibilidade de se conectarem com as pessoas.

“Quando abrimos a mente pra criatividade tudo pode ser transformado em arte. O próprio cotidiano é engraçado, ficamos tão atarefadas que não percebemos o que estamos fazendo, e nessas horas que consigo abrir os olhos e visualizar uma cena.”, a palhaça Catarina, personagem criada por Julia ajudou a atriz a perceber a arte como maneira de resistir as dificuldades.

Julia conta com 48 mil curtidas no aplicativo onde começou a postar suas produções. Em seus vídeos, Catarina explora, através de brincadeiras, assuntos importantes da realidade brasileira. O universo feminino é colocado em pauta com temas de jornada dupla das



ARQUIVO PESSOAL



“ Quando abrimos a mente pra criatividade, tudo pode ser transformado”

**Julia Bertolini**

mães, feminicídio, e até mesmo no contexto político, quando através do humor rebate o machismo na estrutura vigente.

A iniciativa de compartilhar narrativas do cotidiano também aconteceu com o motorista Anderson. Após a morte do pai pouco antes do início da pandemia, ele encontrou uma maneira de passar pelo luto fazendo vídeos que levassem leveza ao dia a dia dos seguidores. Apaixonado pela sétima arte, roteirizar e produzir conteúdo foi a forma que obteve de fugir da realidade tão difícil. “Eu sempre gostei de filmes, de novelas, de falar sobre arte. Com a pandemia e a morte do meu pai usei essa paixão para me conectar comigo e também com as pessoas. Eu sempre gostei das

**A PALHAÇA** une bom humor e ativismo no conteúdo publicado nas redes

redes sociais, e o Tik Tok foi uma ferramenta que permitiu que eu tivesse mais familiaridade”, relata.

Pode-se dizer que o Tik Tok é a rede social da pandemia. A rede possibilita o compartilhamento de vídeos curtos, com até três minutos de duração, contendo diversas ferramentas de produção e edição, com filtros, legendas embutidas, trilhas sonoras, gifs e efeitos de forma prática. Majoritariamente dominado pelo público jovem, o Tik Tok é um sucesso, lançando tendências e explorando a criatividade dos usuários.

“A resposta foi muito rápida, através dos comentários, das mensagens inbox (mensagens diretas). Nas lives a resposta era pelos chats e assim a comunicação ficava mais fácil. E por mais que estivesse em casa conseguia sentir essa conexão”, Julia comenta sobre a experiência de ingressar em um espaço não habitual para os circenses.

De acordo com a edição mais recente da TIC Domicílios, divulgada em agosto de 2021, o Brasil tem 152 milhões de usuários de Internet, o que corresponde a 81%

**COM SIMPATIA**, Anderson explora a paixão por cinema e a familiaridade com o público

da população do país com 10 anos ou mais. A avaliação é promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) e lançada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Com a abundância de dados compartilhados a cada segundo, entre diversas pessoas ao redor do mundo, a conexão entre o mundo físico e o digital reflete numa relação de rotina entre ambos ambientes. Os digitais influencers, uma profissão que vem se consolidando no País, são pessoas capazes de levar, através da produção de conteúdo, a esses milhares de usuários sugestões daquilo que a sociedade está seguindo ou rejeitando.

Anderson D'Amigo não chegou à conclusão se deve se considerar um influenciador ou não, para ele esse título carrega muito comprometimento. “Eu gostaria de me tornar um (digital influencer). Eu quero fazer a diferença na vida das pessoas. Mas é uma responsabilidade, eu tenho que tomar muito cuidado com o que posto, eu tenho um público muito diferenciado. Adultos, crianças, idosos, não é um número enorme, mas exige responsabilidade”, expõe.

Julia concorda com o pensamento do motorista. Ela conta em tom bem humorado que a produção de conteúdo foi a maneira que ela e a família encontrou de “sobreviver a convivência”. “As pessoas, mesmo que não reconheçam, não puderam ficar sem a arte. Agora não temos mais como voltar atrás, mesmo que amanhã volte tudo ao “normal”, não vamos parar de fazer nossa arte no digital”.

O que uma palhaça e um motorista e milhões de brasileiros têm em comum é o desejo de dias melhores que estão por vir. “A tecnologia nos ajudou muito nesse momento, mas confesso que não vejo a hora de voltar e adaptar à nova realidade”, Julia finaliza. ❖

FOTOS : ARQUIVO PESSOAL



# Um refúgio para viver bem

**CONVÍVIO** com a natureza conserva a saúde mental e repõem as energias, a qualquer tempo

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



**Beatriz Araujo**

A psicologia comprova: todos precisam de um refúgio, para reabastecer a energia perdida. Como explica o psicólogo Hélio Alves, que durante a pandemia tem atendido pessoas em situação de crise, estar em contato com a natureza estabelece uma forte relação de regressão, que, simbolicamente, é como voltar à barriga da mãe - onde só há prazer e não existem preocupações. Ele reconhece essa tendência da busca por esse “ar livre” nos últimos anos, ao lado da necessidade de isolamento, que para muitos é a forma de manter a saúde mental em dia e reconectar-se com sua essência.

A santista Victória Oliveira Caxiado, de 21 anos, sabe bem o que é isso. Ela conta que sua conexão começou pela água, quando foi atleta federada durante 8 anos. Depois ela entrou para o movimento escoteiro, que a fez apaixonar por outras partes da natureza e intensificar sua vontade de explorá-la. Foi aos 18 anos, então, que ela começou a se aventurar em praias, cachoeiras e trilhas - onde, até mesmo, acampa. “Amo a liberdade de estar no mar e a sensação de mergulhar nas águas geladas de uma cachoeira, que acordam minha alma inteira”, ressalta a jovem.

No início da pandemia, porém, Victória ficou em isolamento total, em sua casa e longe das praias. Quando as flexibilizações surgiram, ela conta que em prol de sua saúde mental começou a buscar praias e

cachoeiras mais reservadas, com segurança. “Sempre que eu visitava algum lugar novo me trazia uma paz enorme em meio ao caos”, desabafa.

O psicólogo Hélio Alves ressalta que esse escapismo, de estar em um “oásis” de despreocupação, é natural e uma necessidade que faz parte do ser humano. O único perigo, como aponta, é querer ficar nesse espaço prazeroso e não voltar para a vida cotidiana. “Curtir não tem problema. Mas no nosso mundo civilizado existem responsabilidades, compromissos e, também, a capacidade de adiar algo. Então o risco desse refúgio vem com a falta de limites”.

A forma que Victória encontrou para manter justamente esse equilíbrio, sem deixar suas obrigações de lado, foi trazendo um pouco dessa natureza para dentro de casa. Então esse ano ela criou o Solare Ateliê, uma loja virtual de bijuterias feitas manualmente. Agora, assim como quando está sentindo a brisa das águas em um local deserto, ao se emergir no trabalho feito à mão ela deixa sua mente fluir, em paz, e se conecta com o momento. “Acredito que esse todo contato com a natureza nos deixa mais humanos. Entender que tudo à nossa volta é vida”, frisa.

Essa forma de lidar com trabalho e a natureza também se mostra presente na vida da santista Marjoryer Darós, de 21 anos, que após seu curso universitário começou a ter aulas on-line, por conta da pandemia, tomou uma decisão que a fez passar por esse período mais conectada consigo.

Ela se cadastrou na plataforma WorldPackers, um programa de voluntariado onde passou a trabalhar em hostels de lugares próximos a praias - conhecendo diversos lugares pelo Brasil.

A experiência que mais a marcou foi o mês que passou na Ilha de Boipeba, na Bahia. Ela explica que lá é, basicamente, uma comunidade de pescadores e que essa foi uma realidade muito diferente de viver a pandemia. “Eu já era conectada com a pandemia, mas me aproximei mais ainda

nesse período”.

Além disso, Marjoryer acredita que ter vivenciado a pandemia dessa forma, trabalhando em hostels, fez total diferença para sua saúde mental. As viagens, de certo modo, já faziam parte de sua vida - por cursar faculdade em Santa Catarina e, também, ser uma apaixonada pelo Rio de Janeiro. Mas foi único poder estar em uma natureza “pura”, onde o sol é mais quente, o tempo passa de forma mais lenta e o povo é mais feliz, acredita. ❖

ARQUIVO PESSOAL



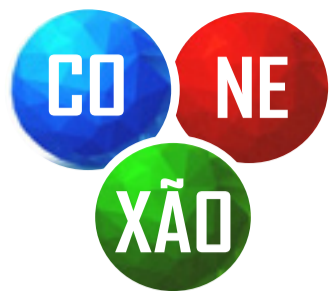
**MARJORYER** encontrou uma forma de unir sua paixão pela natureza ao trabalho, atuando em hostels

**A RELAÇÃO** de escapismo é saudável e natural, se vivida na medida certa. Buscar estar em contato ambientes de uma natureza “pura”, como praias e cachoeiras, além de estabelecer reconexões fisiológicas, também pode ser uma boa saída por serem opções que não requerem muitos gastos financeiros.

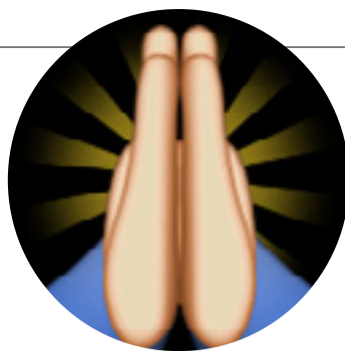
## DICAS DE LUGARES PARA SE AVENTURAR SEM SAIR DA BAIXADA SANTISTA\*

- ➔ **Em Guarujá**
  - Praia do Éden
  - Praia do Sangava
  - Prainha branca
  - Praia São Pedro
- ➔ **Em Praia Grande**
  - Praia Itaquitanduva
  - Cachoeira Guariúma
- ➔ **Em São Vicente**
  - Cachoeira Samarita

\*Dicas dadas por Victória Caxiado, que também compartilha suas viagens e trilhas pelo Instagram @vickcaxiado.



# FÉ



# SEM ABRAÇO

Daniel Gois

ARQUIVO PESSOAL/JÚLIO CÉSAR GUIMARÃES

Lucas Rodrigues, Júlio César, Renan Claro, Silvio Naslauski e Gino Della Volpe possuem religiões distintas, mas têm algo em comum: estão evitando abraços, apertos de mão e qualquer tipo de contato físico ao se reunirem com outros adeptos de suas crenças. A retomada dos encontros religiosos presenciais tem sido um período de reconexão para seus respectivos seguidores. Paralelo a isso, as religiões também se expandem pelas redes sociais, com transmissões ao vivo e vídeos.

Filho de pais católicos, o advogado Lucas Rodrigues Santana, de 23 anos, conta que tem se sentido tranquilo e seguro ao retomar as idas presenciais à Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Santos, templo que sempre frequentou. Para ele, a falta de abraços e cumprimentos entre os fiéis têm sido algo “estranho”, ainda que os devotos tenham demonstrado uma certa adaptação ao momento.

“Todos os momentos de maior contato físico foram suspensos. O momento da paz, que os fiéis se cumprimentam, não está acontecendo. Nossa cultura é muito desse contato físico, então é estranho”, diz Santana. O advogado explica que, por conta da necessidade de distanciamento social, apenas três fiéis estão se sentando em cada banco da paróquia, sendo que o limite é de cinco pessoas por banco.

As celebrações islâmicas também foram afetadas. O autônomo Júlio César Guimarães, de 50 anos, que frequenta a Mesquita Islâmica de Santos, destaca a oração do defunto e as aulas sobre a religião islâmica como rituais que sofreram impacto direto. “A gente se abraçava, tinha muito calor humano. Isso daí pararam de fazer. Como estamos tão acostumados, a gente ficou bastante assustado”.

O candomblé também retomou rituais presenciais após um período doloroso de afastamento entre os fiéis. Mesmo sem cultos presenciais, o advogado Renan de Lima Claro, de 24 anos, sentiu sua fé fortalecida. Durante a pandemia do coronavírus, ele passou a orar ao Orixá da Saúde às segundas-feiras, pedindo pela saúde de familiares e irmãos de santo.

O advogado começou a ter contato com religiões de



**ADEPTOS** de diferentes religiões evitam cumprimentos em cultos presenciais e fortalecem suas crenças para superar a pandemia

ARQUIVO PESSOAL



**LUCAS** participa da missa da Nossa Senhora de Aparecida

Della Volpe, de 64 anos, que frequenta o centro espírita Casa Esperança, de Guarujá, há 23 anos.

Com transmissões ao vivo, que duram pouco mais de uma hora, Volpe reúne seguidores e transmite mensagens sobre a doutrina espírita. As lives são realizadas às segundas e sextas-feiras e chegam a ter mais de 10 mil visualizações.

“O espiritismo tem crescido muito devido à internet”, afirma Volpe. “Ele está ficando conhecido, tirando o preconceito, sem custos e trazendo explicações consoladoras. Pessoas que jamais entraram num centro espírita estão vendo, porque têm curiosidade ou afinidade com reencarnação”, explica.

A procura por vídeos no YouTube tem sido uma forma de Júlio César Guimarães aprender mais sobre o islamismo. Antes de dormir, o morador da Vila Voturuá, em São Vicente, costuma pesquisar sobre a própria crença e ouvir a recitação do Alcorão, em árabe, para se acostumar com a linguagem.

“Quando você está sozinho, é a hora que você tem que aperfeiçoar seu árabe, começar a falar certas palavras. Para cada movimento, você faz uma coisa. No começo a gente fica inseguro, mas depois é muito gostoso. A gente nunca larga a fé”, conta Guimarães.

Durante a suspensão dos cultos presenciais, Silvio Naslauski passou a acompanhar celebrações judaicas pela internet, feitas por sinagogas de São Paulo e do Rio de Janeiro. A novidade

foi bem vista, mas o aposentado ainda prefere os encontros presenciais, pois segundo ele há uma espontaneidade maior, abrindo “margem a criatividade”.

“Vejo nos cultos virtuais um formato profissional, algo como se tivesse tido um treino anterior. Não há um comentário acrescentando algo feito espontaneamente. Parece que há um roteiro”, afirma Naslauski. ❖

**JÚLIO** César, à direita ao lado do Sheik Taher

matrizes africanas na infância. Por seis anos, ele foi a centros de umbanda junto com a mãe, que é seguidora da religião. Atualmente, Renan Claro vai a Casa de Culto Afro Brasileiro Ilê AséSobo Oba Àrirá, no Estuário, em Santos. Ele destaca que as festas e eventos sociais ligados à crença continuam suspensos.

“É uma religião muito ‘física’. Trocamos bênçãos beijando a mão, abraçando no momento de celebração, compartilhando alguns itens, e nada disso tem sido feito. Algum receio ainda é natural, então procuramos tomar todas as medidas de prevenção”, afirma Claro.

Todos os sábados, o aposentado Silvio Naslauski, de 69 anos, vai até a Sinagoga Beit Sion, em Santos, há mais de 20 anos. Filho de judeus, ele observa

uma redução no número de pessoas que estão indo presencialmente aos cultos, além dos impactos das medidas sanitárias.

“A principal mudança é que o número de frequentadores diminuiu muito, mas a espiritualidade continua a mesma. A interação com os fiéis acontece sempre procurando respeitar os protocolos sanitários, com cumprimentos de cotovelo e procurando estar a 2,5 metros de distância”, conta Naslauski.

## RELIGIÃO NA INTERNET

A celebração virtual se tornou uma saída para que a conexão com a fé fosse mantida e até mesmo fortalecida. Os encontros nas redes sociais fizeram parte da rotina do engenheiro civil Gino

ARQUIVO PESSOAL/SILVIO NASLAUSKI



**PANDEMIA** reduziu visitas em sinagoga

ARQUIVO PESSOAL/FACEBOOK



**GINO** realiza encontros virtuais sobre o espiritismo



# Cultivar flores é bom negócio durante a

**MERCADO** de flores espera crescimento de 5% em 2021

Fabrizio Neitzke

**O** Instagram foi a forma encontrada pelo desenvolvedor de sistemas Guilherme Aguiar, de 27 anos, para expor o dia a dia com suas plantas. Desde abril, o morador do Guarujá atualiza seus seguidores com informações sobre sua horta particular, em um hábito que acompanha a família há pelo menos três gerações. O primeiro caso compartilhado foi o de um pé de manjerição que precisou ser “resgatado” após o verão. Mas foi nas plantas carnívoras que a paixão de Aguiar floresceu, com a *Dionaea muscipula*. “É o mais perto que temos de uma fênix”, escreveu o jovem no blog para explicar o período de dormência da planta durante o inverno. O rapaz é um dos vários casos de brasileiros que, durante a pandemia, passaram a se conectar com o mundo vegetal.

Em entrevista, Aguiar explicou que busca novas informações todos os dias e em diferentes formas, seja através de artigos científicos ou em conversas com outros cultivadores, também pela internet. Com mais de 20 plantas, ele precisou adaptar as áreas do apartamento onde vive para acomodar todas elas. “O tanque na área de serviço se tornou uma bancada e o parapeito virou meu canteiro para colocar os vasos. Aos trancos e barrancos, funcionou”, comemora. O que começou como um hobby pandêmico se tornou algo muito maior. “Nesses tempos de ficar em casa, as plantas são minhas maiores confidentes e motivo de alegria quando acordo e vejo que surgiu uma flor nova”.

Item de decoração para uns, sinônimo de cuidado para outros. Desde o começo da pandemia, as plantas nunca foram um objeto de consumo tão desejado pelos brasileiros quanto atualmente, trazendo para dentro de casa, em meio ao confinamento, uma conexão com a natureza. E o desejo se reflete em um mercado bilionário, que após fechar próximo da marca de R\$10 bilhões em 2020, deve ter aumento de 5% neste ano, segundo levanta-

mento do Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR).

A pesquisa do Ibraflor, divulgada em janeiro, revelou que o estado de São Paulo é o principal responsável pela produção e consumo de flores no país. Com 4.565 produtores - mais da metade da marca nacional, de 8.300 -, a região movimentou 3,4 bilhões de reais no último ano. O crescimento de 2020, mesmo com o comércio precisando fechar as portas durante sucessivos decretos de quarentena, foi de

10% em comparação a 2019, o quarto maior desde 2012.

Para o dono da Gardênia Flores, no bairro do Boqueirão, o florista Felipe Vilarinho Alvarez confirmou a alta no setor e destacou uma diversificação na nova clientela. “Houve um aumento no consumo de flores e de plantas e um aumento da clientela, principalmente com muitos jovens. Com as aulas à distância, eles passaram a ficar muito tempo online e quiseram trazer uma energia para a casa”, disse.

FOTOS: FABRÍZIO NEITZKE



**FLORICULTURAS tiveram aumento de clientes durante pandemia**

A estudante de Direito Bruna Sousa, de 21 anos, é um exemplo de consumidora mais nova que passou a se interessar pela jardinagem durante a pandemia. Moradora de Cubatão, ela começou a cultivar cactos e girassóis, mas admitiu que a falta de experiência tornou a aventura mais complicada, especialmente na fase inicial. “Até hoje estou tentando descobrir como cuidar das plantas e criar uma rotina”, conta. Fã de suculentas, ela garantiu que o revés não afastou o sonho de mergulhar mais a fundo na área.

Quem se aproveitou do período de quarentena para descobrir mais sobre o universo verde também pôde realizar estudos pela internet. É o caso da aposentada Cláudia Lemos, que, aos 55 anos, encheu o apartamento que divide com a filha em Santos com pelo menos dez vasos. Apaixonada pela natureza, e em especial

pela *Alocasia*, Cláudia participou de dois cursos online para aprimorar as técnicas de cuidado, que vão desde a rega até o tipo de terra, para buscar um crescimento mais sadio das espécies. Os detalhes, ela garante, fazem a diferença no momento da preservação, passando até três horas por dia se dedicando às atividades.

A paixão rendeu também uma outra descoberta pela internet, através da criação de uma conta no Instagram em julho de 2020. Pela rede social, Cláudia compartilha dicas sobre cultivo, além de compartilhar imagens da natureza que envolvem o seu cotidiano. Neste caso, a conexão virtual também foi uma forma de amenizar a dura realidade da pandemia. “É uma satisfação enorme que eu tenho em mexer, cuidar e ver cada brotinho apontando”, diz.

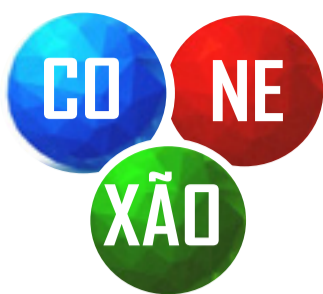
A relação entre pessoas e plantas vai além de atender às necessidades da natureza. Além dos cuidados básicos como água, terra e exposição à luz do sol, o carinho é essencial. O florista Felipe Alvarez contou ter sido procurado por vários clientes procurando por dicas e explicou a importância do bom trato com os vegetais. “A planta é um ser vivo, ela corresponde ao carinho e à atenção e vai reagir com flores e folhas”, afirma.

O florista também explicou que por conta do clima na Baixada Santista, as plantas verdes como a jibóia e antúrio são as mais procuradas pelo público na loja que opera há mais de cinco décadas, desde 1965. Em ambos os casos, as espécies apresentam resistência a temperaturas mais quentes e podem ter maior durabilidade.

**MERCADO LUCRATIVO**

Ainda de acordo com o levantamento da Ibraflor, a principal área responsável pelo faturamento bilionário de 2020 é a de decoração, que corresponde a 30% das vendas do setor. O autosserviço e o paisagismo vêm logo atrás, com 21 e 20%, respectivamente.

Entre empregos diretos e indiretos, a floricultura gera cerca de um milhão de cargos no Brasil. Para quem atua na formalidade, o varejo é a área mais procurada, com mais da metade dos trabalhadores. A expectativa também aponta para um crescimento nestes números, já que a profissionalização é considerada recente no país e as verbas de marketing ainda são relativamente baixas. ❖



# PROFISSÃO

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

**PANDEMIA** aflorou o desejo de mudança de carreira para novas áreas e diferentes atividades



O ISOLAMENTO social potencializou a venda de bolo e doces



AS ENCOMENDAS são enviadas pelo correio e todo o suporte do negócio é feito virtualmente

Beatriz Ornelas

A pandemia alterou drasticamente o cotidiano mundial. No âmbito profissional, muitas pessoas viram o período como uma oportunidade para analisar suas respectivas carreiras e se reinventar, reconectando suas habilidades com as novas transformações sociais.

A reavaliação foi uma reflexão que atingiu as pessoas de diferentes formas. Alguns dos motivos englobam a busca por carreiras com maiores salários e posições de destaque, migração para áreas que proporcionem um estilo de vida diferente, entre outros.

A empresária Jéssica Grigolon, de 26 anos, abriu uma loja on-line de roupas infantis no início do ano, após sair do antigo emprego no setor financeiro de uma empresa automotiva. “Eu sempre tive o desejo de ter o meu próprio negócio. Quando a minha filha nasceu no começo da pandemia, percebi que seria uma oportunidade para conciliar a maternidade com algo que eu gostasse de fazer”, conta.

É tudo muito novo no mercado digital, Jéssica acredita que tudo vem trazendo resultados positivos e grandes aprendizados. Segundo a empresária, esse processo de deixar de trabalhar presencialmente para o remoto foi uma grande transição, além de trazer confiança para continuar com a loja após a pandemia.

A insegurança em relação ao futuro gerou a necessidade de transformação nos trabalhadores e foi um dos pontos principais para

O PÚBLICO alvo da loja deixou de ser apenas bebês para atender crianças e adolescentes até 16 anos

a mudança no panorama geral do mercado de trabalho. Além disso, favoreceu o autoconhecimento das pessoas que estavam estagnadas ou insatisfeitas profissionalmente.

A psicóloga Rita de Cássia Martins Russo, que trabalha há 37 anos na área, justifica que a mudança no âmbito profissional veio por uma mistura de razões e necessidades. “As pessoas passaram a refletir sobre o sentido da vida, resignificaram e reaprenderam a lidar com os próprios sentimentos dentro de suas respectivas realidades”, contextualiza.

Para ela, as mudanças no campo pessoal e profissional são inevitáveis ao longo da vida. Porém, a pandemia acelerou esse processo. “O mundo inteiro teve que mudar e isso assusta. As pessoas se abriram para novos projetos em diversos segmentos, passaram a

ter um olhar mais cuidadoso para encarar desafios e para entender o quanto são capazes de explorar novos talentos”.

Em março deste ano, uma pesquisa publicada pela empresa de cibersegurança Kaspersky apresentou, no relatório “Protegendo o Futuro do Trabalho”, que 53% dos brasileiros ponderaram trocar de profissão durante a pandemia. Nele, algumas das razões incluíam novos interesses pessoais e a busca por salários maiores.

A analista de Recursos Humanos Jamile Costa, que trabalha na área há cinco anos, pontua que as pessoas buscaram aperfeiçoar suas afinidades profissionais para se destacar no mercado. “Com as empresas se reerguendo, vejo muita gente se conectando em áreas de satisfação pessoal, pois elas se sentem motivadas para novos desafios”.

“Com as empresas se reerguendo, vejo muita gente se conectando em áreas de satisfação pessoal.”

Jamile Costa  
Analista De Recursos Humanos

“Durante a pandemia, devido ao isolamento social, aumentaram a procura de bolos para comemorar os aniversários em família.”

Cristiane Piffer  
Pedagoga

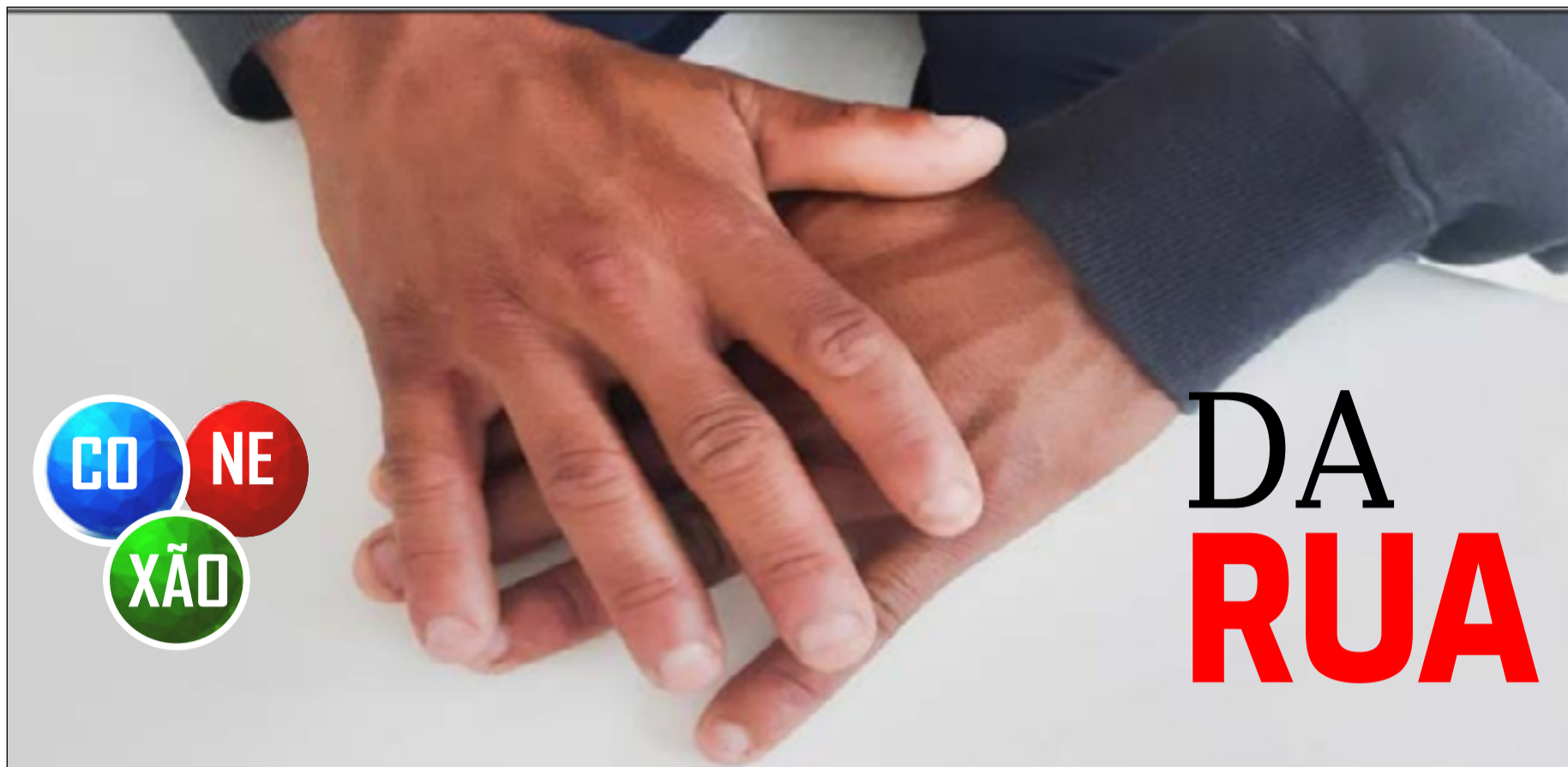
Ainda, ressalta que muitos utilizaram esse período para se especializar. “As pessoas buscam novos conhecimentos e oportunidades. A maioria procura ser o melhor no que faz para garantir sua estabilidade, principalmente em cargos sem risco de paralisação”.

Com a instabilidade econômica e social no País, a versatilidade foi uma aliada para os profissionais que sentiram a necessidade de encontrar uma fonte de renda estável e prazerosa. Ainda, que pudesse convergir com competências comportamentais já pré-existentes nas pessoas.

A pedagoga Cristiane Piffer diz dá aulas e fazia bolos para comercializar, porém apenas para conhecidos. Ela frisa que durante a pandemia, devido ao isolamento social, aumentaram a procura de bolos para comemorar os aniversários em família e passou a focar na produção, dividindo o tempo entre aulas remotas e os doces.

Ela esclarece que sempre quis se tornar uma empreendedora e que sem a pandemia isso não teria acontecido. “Mesmo com os bolos, faltava algo para complementar o orçamento, pois meu esposo tinha medo de ser demitido e queríamos ter estabilidade, então abrimos uma loja de roupas para crianças também”.

Cristiane pontua que a princípio seria somente para bebês, mas mudou as grades de tamanho e trabalha com numeração até 16 anos. “Atualmente, leciono e trabalho na loja. Se não fosse a união da minha família, não tínhamos conseguido. Minha filha mais velha fica 75% na loja”, finaliza. ❖



## PESSOAS tentam se reerguer criando novos elos e contam com o apoio do Centro POP, em Praia Grande

Laila Aguiar

Uma conexão perdida. É assim que muitas pessoas acabam indo parar nas ruas. A realidade dentro de casa, a falta de oportunidade, os vícios e a marginalização fazem com que os vínculos sejam perdidos e a rua se torne uma estadia. Em Praia Grande, o Centro de Referência Especializado para a População de Rua (Centro POP) é uma ferramenta de apoio e de reinserção social que tem como objetivo reconectar aquilo que, muitas vezes, está perdido dentro de cada uma das pessoas que passam pelo local.

O Centro POP conta com uma equipe de profissionais que trabalham nas diversas etapas da assistência social, seja fazendo documentos, dando suporte para atendimentos de saúde, psicólogos, encaminhando para o CREAS e quando necessário para unidades especializadas em tratamento de vícios. Os motivos para estarem nessa situação são muitos e cada individualidade deve ser observada com atenção.

Wagner Duarte Barbosa, 40, vive em situação de rua há seis anos, e conta que o abrigo deu "sentido para a mudança de vida" que ele precisava. A ligação do Wagner com a rua se deu por conta da bebida. Ele lembra que tudo começou quando os pais decidiram se

divorciar, a guarda dele e do irmão acabou ficando com o pai, que após alguns anos, se casou novamente. Com a voz baixa e com timidez, ele conta que a madrasta começou a agredir os enteados e que esse foi o primeiro motivo que o levou a beber.

A motivação para sair das ruas veio junto com a vontade de rever a mãe e de "mostrar o melhor para ela". A última vez que eles se encontraram foi há 17 anos atrás e o Wagner contou que foi um momento muito emocionante e de reflexão, pois ele conseguiu entender que estar nas calçadas o afastava desse relacionamento. Foi assim que ele procurou a ajuda do Centro POP e conseguiu fazer os documentos, retirar cestas básicas e solicitar benefícios.

Hoje o Wagner trabalha como caseiro e conta que quer enterrar o passado e sonha em construir uma família, ter filhos e voltar a rever a mãe.

A falta de oportunidade é um dos grandes problemas que a população de ex-detentos encontram quando acaba o regime de detenção. Jhonatas Felipe Francisco dsis, 34, conta que a vida no crime começou aos 11 anos e que chegou a frequentar a Fundação Casa e diversas cadeias. Quando a pena acabou, ele recorreu a família para tentar se reerguer, mas não encontrou o apoio que precisava e acabou indo viver nas ruas.

A realidade desse grupo

é repleta de dificuldades e de preconceitos, segundo o Jhonatas, para viver nessas condições é preciso uma preparação "a situação de rua é algo que você precisa estar preparado e capacitado. Eu até falo para os irmãos de rua que para morar na rua você tem que ter alma, porque você passa fome, passa necessidade, passa frio, você corre risco de vida. Eu convivía com o perigo todo dia, cada minuto e cada segundo", relata.

Muito comunicativo e espontâneo, ele mostrou como "dormia" antes de encontrar o abrigo noturno de Praia Grande. Sempre sentado, com seus pertences entre as pernas e ligado em cada barulho com medo de que algo acontecesse.

**JHONATAS, recém chegado na Baixada Santista, que também tenta se reerguer e sair das calçadas**



Ele relata que por ser trecheiro acaba visitando diversos abrigos, mas que o da Praia Grande foi o que ele conseguiu criar mais vínculos.

O Jhonatas está na Baixada Santista há 10 dias e cumprindo a condicional. Ele conta que está tendo ajuda do Centro POP para regularizar os documentos e se reestabelecer. À 800 metros do abrigo noturno ele encontrou uma igreja evangélica onde começou a frequentar "na igreja você está ouvindo a palavra de Deus e com pessoas próximas", conta. Ele tem sonho em arranjar um trabalho, ter uma família e estabilidade.

A pandemia está sendo um momento ainda mais difícil, pois muitas pessoas deixaram de ajudar e o sentimento de solidão ganhou espaço "somos desprezados, porque com essa doença muita gente tinha medo de se aproximar, mesmo que para fazer uma doação", conta o Jhonatas.

A população em situação de rua sofre com a realidade, seja ela com ou sem pandemia. Muitos governos não agem com políticas públicas que atendam essa população, muito menos com campanhas de conscientização e apoio. Para o Wagner a mensagem que precisamos entender é a do "não julgar", cada pessoa tem uma vivência diferente e é preciso respeitar.

As conexões com as pessoas em situação de rua podem ser criadas de diversas formas, uma delas é sendo voluntário em grupos que apoiam a causa. Ajude a manter esses elos, somente assim podemos entender e ajudar essa população tão carente e marginalizada. ❖





**PANTA** destaca a conexão com a parte artística o motivou, por ser um momento que desconecta de tudo



**THALYNE** Nascimento notou um certo equilíbrio em relação aos que pararam e os que aproveitaram a pandemia para focar mais nos cosplays

Gabriel Bruno

Colocar a roupa e entrar no personagem é uma das formas que os cosplayers usam para se desligar da realidade e entrar completamente no personagem. Com o cancelamento dos eventos, as pessoas que curtem esse hobby acabaram perdendo seu principal meio de mostrar ao público seus trabalhos, tirou a fonte de dinheiro de alguns e também o acolhimento do público nos eventos.

Além de se vestir como os personagens alguns também confeccionam e comercializam os cosplays, conhecido como cosmaker. João Pedro Silva de Oliveira Panta de 23 anos, cosplayer há oito anos e cosmaker há cinco anos, que também trabalha em uma farmácia, conta que na pandemia chegou a fazer algumas peças para ele e para alguns clientes. "Me desmotivou. Não conseguir expor minha arte fora das mídias digitais, não pude mostrar ao público meu trabalho, além disso muita gente deixou de investir nos cosplays por conta do fechamento de festas e eventos" conta Panta.

Com a pandemia, os cosplayers tiveram que buscar outros meios de mostrar seu trabalho através da internet. Aos 20 anos de idade, a cosplayer Camila Vitória de Sousa Borges conta que as redes sociais, que já era um meio muito utilizado pelos cosplayers, começou a possuir um foco ainda maior. "No início da pandemia, até que fiquei empolgada para gravar vídeos para o tiktok e tirar fotos, com o tempo fui me desanimando, porém continuei fazendo bastante live, vídeos e fotos com o cosplay, 100% dos cosplayers que conheço investiu em Instagram e tiktok, geral virou tiktoker" explica Camila Vitória de Sousa Borges.

Quando ao período de pandemia, Camilla conta que com certeza acabou se desmotivando, porém a pandemia acabou trazendo algo positivo para ela. "Com certeza me desmotivou, mas ao mesmo tempo se não fosse a pandemia, não teria conhecido muita gente do meio do cosplay, e na época investi em ser digital influencer".

Diferente dos cosplayers já citados, alguns acabaram sendo forçados a parar ou dar uma pausa em seus projetos relacionados aos cosplays. Um exemplo disso é a estudante de 27 anos, Daniela do Nascimento, que faz cosplays há quase anos, conta que durante o ano passado ainda conseguia produzir alguns poucos projetos, mas desde então se tornou inviável fazer novos cosplays. "O último foi no Natal, desde então eu não criei mais nenhum novo personagem,

# Longe do público, mas ainda dentro do



**CAMILA** Vitória investe em peso em lives, vídeos e fotos para o Instagram e o Tiktok

**O COSPLAY** torna-se válvula de escape da realidade mesmo durante a pandemia

eu não consigo reaver o dinheiro gasto. Anteriormente eu trabalhava em eventos ou vendia cosplays antigos, mas sem eles, ficou inviável fazer novos, então eu faço microproduções com materiais e acessórios que eu já tenho em casa este ano" diz Daniela.

Em relação a se sentir desanimada por conta da pandemia e também a falta dos eventos, Daniela fala que não acabou notando este sentimento, mas por conta disso acabou sendo forçada a dar uma pausa nos cosplays. "Não me desmotivou, me tirou a fonte de dinheiro para a produção. Eu não posso priorizar as fantasias quando tenho contas para

pagar antes."

Assim como Daniela, Thalyne Nascimento, que trabalha como montadora de aparelhos eletrônicos e fazlives, além de cosplayer desde 2008, também acabou parando com os cosplays por conta da pandemia e da falta dos eventos. "Eu acabei parando, estou retomando os projetos cosplays nesses últimos meses, porque além de não terem eventos, a renda ficou mais baixa para gastar com isso, me desanimou e na verdade acabei até perdendo contato com algumas pessoas do meio". Thalyne fala que essa retomada nos projetos se dá por conta do halloween, que segundo ela sempre acaba dando

uma animada e com certeza a conexão que tem em entrar no personagem é uma das coisas que ainda a motiva.

## CONEXÃO

O mundo dos cosplays vai muito além de colocar uma roupa de um personagem que você gosta, tirar umas fotos e andar com aquela roupa em um evento. Esse universo acaba se tornando uma espécie de fuga da realidade, a conexão que as pessoas possuem em entrar na roupa e simplesmente se desligar do mundo, esquecer os problemas e até se tornar outra pessoa, atuando totalmente como o personagem que está usando a roupa e se comportando como ele.

Panta diz que em nenhum momento da pandemia cogitou parar de fazer seus cosplays e o motivo disso é a troca com as pessoas. "Acho que a conexão com a parte artística me motivou, pois gosto de confeccionar, me sinto muito bem quando estou produzindo algo, é um momento que me desconecto de tudo".

Mesmo sendo forçada a parar com os cosplays por conta da parte financeira, Daniela do Nascimento garante que vai voltar ao mundo dos cosplays. "Apesar de que estou fazendo faculdade e estou focando em seguir a minha carreira de trabalho, é um hobby que me deixa feliz, gosto de me desconectar da realidade um pouco e curtir uma vibe mais leve" afirma Daniela.

Camila Vitória de Sousa Borges fala que nesse período já pensou sim em parar, mas não por causa da pandemia e sim por conta dos concorrentes. Mesmo com essa concorrência citada por ela, não houve a desistência, a motivação para isso não ocorrer foi a conexão com o personagem e também uma coisa que interfere muito no mundo dos cosplays, que são os lançamentos de filmes.

Como seu cosplay principal, Camila tem a roupa de Mulher-Maravilha, que no ano passado com o lançamento do novo filme, acabou incentivando e impulsionando a popularidade dela nas redes sociais. "O que me deixou um pouco mais animada, era que ainda estava por vir o lançamento do filme Mulher-Maravilha 1984 ano passado, então a expectativa para esse filme me motivava" conta Camila.

## VISÃO GERAL

Sobre a movimentação dos cosplayers em geral nas redes sociais, Panta diz que percebeu que muitos ainda continuaram com os cosplays durante a pandemia, porque muitos deles ganham com marketing digital. "Eu percebi que os cosplayers mais conhecidos continuaram investindo, então precisam de conteúdo para postar, mas em relação a novas caras no meio, não vi muitos cosplayers novos."

Ainda sobre isso, Thalyne Nascimento notou um certo equilíbrio em relação aos que pararam e os que aproveitaram a pandemia para focar mais nos cosplays. "Percebi que vários acabaram dando uma pausa também, mas por outro lado outros notei que alguns deram uma incentivada por estarem em casa" finaliza. ❖

PERSONAGEM



# COM SEU INTERIOR

**DURANTE** a pandemia cresceu o número de interessados pela prática de yoga, com o objetivo de melhora espiritual e mental

*Victória Fernandes Brugger*

**A**nalista comercial e praticante de yoga, Fernanda Diniz Araújo, iniciou as aulas de yoga durante a pandemia, e entende como uma das melhores decisões que tomou. “Além dos benefícios físicos, que são enormes, também me senti muito mais concentrada e conectada comigo mesma. Me ajudou a perceber o que sentia e as necessidades que tinha e não conhecia.”

Um dos motivos para Fernanda ter decidido pelo yoga durante a pandemia, foi por sentir falta de uma conexão interna consigo e através do yoga, e de meditações proporcionadas durante a prática, conseguir atingir este objetivo. Ela acredita que a pandemia despertou uma necessidade de as pessoas de se entenderem e se conhecerem, e o yoga trouxe isso para ela. “Além de ser uma

atividade física, senti que precisava de uma atividade com maior concentração e conexão. Me sinto realizada, focada e mais tranquila.”, finalizou.

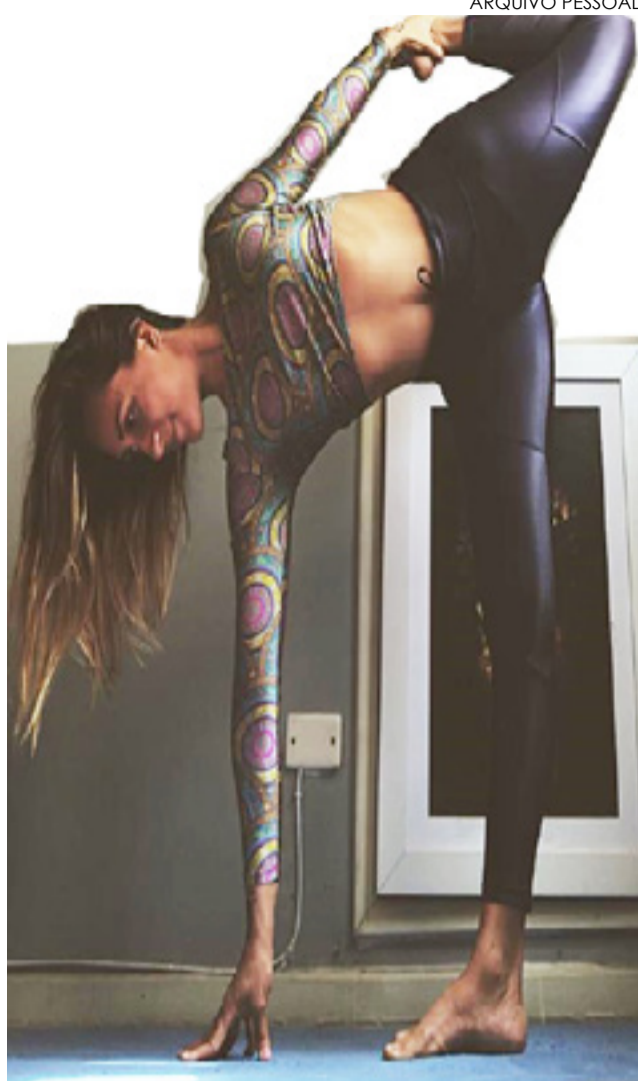
O yoga, é uma prática milenar indiana que reúne corpo e mente. O yoga é composto por exercícios respiratórios, meditação e posturas projetadas para trabalhar a consciência corporal, trazer sensações de relaxamento e ajudar no alívio do estresse. Existente há mais de sete mil anos, a prática auxilia e oferece diversos benefícios para a saúde mental e física, comprovados por estudos científicos.

A professora de yoga e integrante do grupo Track&Field Yoga, Thaíza-Malzoni, que dá aula há mais de cinco anos, conta que houve um crescimento na busca por aulas durante a pandemia, gerando um aumento de 60% no número de alunas. “Foi a melhor fase de

todos os tempos, nunca o yoga foi tão necessário para manter a sanidade da humanidade.”, enfatiza.

Thaíza fala sobre a dificuldade no início do processo de adaptação. “Foi estressante e muito agitado, demorei mais de seis semanas para ajustes tecnológicos e também para gerar conexão à distância levando em consideração que meu trabalho é muito sensível e humano”, comentou antes de explicar que hoje consegue dar tanto aulas presenciais como online, onde é capaz de ministrar aulas coletivas e aulas individuais.

Um estudo, feito pela National



ARQUIVO PESSOAL

**THAÍZA Malzoni** explica a importância do yoga e o quanto foi necessário durante a pandemia para manter a sanidade mental

Library of Medicine (NIH) em 2014, acompanhou cerca de 64 mulheres com Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e características de ansiedade e medo severo após exposição a algum acontecimento traumático. Após 10 semanas de estudo, as mulheres que praticaram yoga uma vez por semana, apresentaram menos sintomas de TEPT, e 52% das participantes do estudo já não se encaixavam mais nos critérios de TEPT.

A psicóloga e atuante na área de tech recruiter (recrutamento de tecnologia), Michelle Sayuri Fernandes Maeda de 26 anos, comenta que iniciou a prática da yoga após ficar desempregada de um antigo emprego. Com isso, ela começou a ter crises de ansiedade e de pânico e disse que após iniciar a prática sentiu uma diferença

gigante no seu dia a dia. “Quando eu perdi o meu emprego, não sabia o que fazer e como agir, foi aí que uma amiga me indicou a prática e eu me encontrei.”, comenta Michelle.

Ela complementou dizendo que a prática não só ajudou com suas crises, mas também ajudou a ter motivação para ir atrás de um novo emprego, onde está atualmente. “Eu comecei a me sentir muito mais conectada comigo mesma, então quando as crises vinham, eu parava e meditava e com o auxílio da minha terapeuta, criei uma rotina para eu inserir o yoga no meu dia a dia.”, finaliza. ❖

## Areia, SOL e mar

**APÓS** um ano e dez meses entre fechamentos e reaberturas das praias de Santos, a terceira idade volta a se encontrar no ambiente aberto de exercício físico

*João Lucas Alves*

A orla das praias de Santos é sem dúvida o melhor ambiente da cidade para se praticar atividades físicas. Com inúmeras possibilidades de escolha, que variam entre partidas de vôlei, futebol, futevôlei, ciclismo, corrida, caminhada e ginástica, existe a certeza de conexão com o ambiente praiano. Com o processo de vacinação em estágio avançado, a terceira idade já pode voltar com as práticas ao ar livre.

No dia 19 de março de 2020, foi decretado pela prefeitura do município a primeira restrição total de acesso dos moradores e

turistas à praia e seus serviços por conta da pandemia. A primeira liberação foi anunciada em 6 de julho do mesmo ano, apenas para as práticas de esportes individuais. De lá para cá, a praia que era sempre banhada de muita energia e alegria, comportando eventos esportivos quase todos os finais de semana, demonstrou um clima quase desértico.

Marcia Cristine de Araújo, de 60 anos, trabalha no Concais durante as temporadas de cruzeiro, e conta que não conseguiu se manter em casa, sem fazer exercícios, durante a pandemia. “Eu não sei fazer exercício hoje sem ser na praia”, conta Marcia, que contraiu o vírus e chegou a perder o marido para a doença. Ela tem aulas de ginástica

de segunda a sexta com o professor Gilberto Senger Antunes, no posto 5, na avenida Conselheiro Nébias.

O professor, de 64 anos, que dá aulas para o projeto Ginástica na Praia desde 1984, conta sobre uma pesquisa realizada no passado com mais de 50 alunos, por posto, participantes do projeto, onde questionados sobre o motivo pelos quais participavam do projeto, a grande maioria votou por ser realizada ao ar livre, e por proporcionar o contato com a natureza. Apesar da retomada das atividades com capacidade reduzida, agora de no máximo 30 alunos por turma, Senger teve de ficar afastado dos postos durante um tempo por conta de sua idade avançada, e o risco que a doença trazia para sua saúde. Ele

conta que as aulas chegaram a ficar por um ano paradas, e que quando as atividades voltaram, com todas as medidas de precaução, era nítida a saudade. “Estavam com bastante vontade, porque ficaram muito tempo recolhidos... então eles não viam a hora de que a ginástica voltasse”.

Sentimento esse compartilhado também por Cleusa Maria das Dores, de 78 anos. A aposentada, costumava caminhar todos os dias na praia e fazer aulas de Yoga no Sesc Santos, mas com a pandemia se conscientizou, e se manteve em casa durante todo o período até a liberação para a volta às práticas. Recentemente, Cleusa passou por um grande susto, contraiu uma pneumonia, e chegou a ficar um mês acamada. De acordo com ela, apesar das dores e da preocupação, a atividade física e o tempo foram a chave para a sua melhora. Cleusa, que adora sair para respirar o ar livre da praia santista, compartilha sua mensagem, “Um passo de cada vez, tudo passa, e quem sobreviver, recupera a vida”. ❖



# União pelo CLUBE

**COM OS** casos de coronavírus caindo em todo o País, torcedores são autorizados a retornar aos estádios e matam a saudade de prestigiar o time do coração

Isabela Weiss

**G**raças a vacinação contra o Covid-19 avançando pelo Brasil, os estádios de futebol podem, aos poucos, permitir o retorno dos torcedores às arquibancadas com maior segurança. O Comitê Científico do Governo do Estado de São Paulo autorizou a volta do público aos estádios de futebol a partir do dia 4 de outubro, e no Estádio Urbano Caldeira, localizado na Vila Belmiro, não foi diferente, respeitando o limite de ocupação de 30% de sua capacidade.

O significado de “time do coração” pode ir além de uma equipe de atletas que compõe um grupo esportivo. Ser um “torcedor fanático” é ver o time como a própria religião, conectar sentimentos de alegria, tristeza ou, até mesmo, de raiva aos resultados de confrontos com rivais e, muitas vezes, ser fiel em presença de corpo e alma nos jogos. Mas, com a pandemia tendo alcançado um nível alarmante de infectados e vítimas, as intensas emoções vividas ao estar nas arquibancadas precisou esperar.

Agora, com a volta gradual aos estádios, alguns torcedores já podem matar a saudade da sensação única que é viver a experiência de assistir uma partida a poucos metros de distância do campo. O estudante de Direito Glauber Guilherme da Silva Santos, de 21 anos, nasceu santista e diz viver o trecho do hino do clube: “nascer, viver e no Santos morrer”. Ele teve sua primeira experiência no estádio em 2008 e, desde então, sempre optou por assistir aos jogos de seu time presencialmente. “Sou santista de nome, de cidade natal e de time. Minha vida é o Santos praticamente”.

Ao voltar para o estádio, ele conta ter tido a sensação de que havia uma união mais forte entre os torcedores, além do amor pelo time também parecer mais intenso que o normal. “O que eu senti foi que a torcida estava mais unida, não sei se pela má fase que o Santos estava passando naquele momento”, explica. “Agora ele já se recuperou um pouco, os riscos de rebaixamento não são tão grandes, mas, quando voltamos para o estádio o time estava muito mal, então juntou a saudade de estar lá com a vontade de ver o Santos se levantar. Acho que o apoio da torcida nesse retorno foi fundamental para a recuperação do time”.

O estudante de Direito afirmou que não foi difícil ficar longe do campo durante a pandemia, já que era uma necessidade importante diante da grave crise de saúde pública provocada pelo Covid-19. Mas ele também garante que, sendo seguro e permitido escolher, nunca trocaria o estádio pela TV. “Muitas pessoas dizem

ARQUIVO PESSOAL



**RODRIGO** no estádio Urbano Caldeira após partida do Santos contra Fluminense em 27/10/2021

**GUILHERME** com a torcida na arquibancada do Estádio Urbano Caldeira, em 27/10/2021

que a torcida é o décimo segundo jogador, e quando você entra nesse jogo é uma coisa surreal, ainda mais quando é o seu time do coração e você pode se conectar com a torcida, cantar as músicas junto... Você não está sozinho na sala da sua casa, você comemora, cumprimenta várias pessoas, abraça desconhecidos sem se importar. É um sentimento que só é possível entender indo lá para descobrir”.

O membro da Torcida Jovem do Santos Futebol Clube, Rodrigo Emmanuel Rodrigues Cardoso, de 22 anos, diz ter sido indescritível voltar às arquibancadas do estádio com a torcida após quase dois anos de pandemia. “Poder voltar a fazer o que você mais gosta no lugar que você mais gosta? É absurdo!”.

O Departamento de Bandeiras é um

setor existente dentro da própria Torcida Jovem, sendo responsável por cuidar de seu patrimônio (bandeiras, faixas, bandeirões), além de também expor e recolher esse material nos estádios, dentre a realização de outras atividades, existindo desde a fundação da Torcida Jovem, há 52 anos. Cardoso faz parte do Departamento de Bandeiras voluntariamente, tendo sido um dos responsáveis por colocar no estádio as faixas que representaram a torcida durante as partidas que sucederam na pandemia. A iniciativa tinha o objetivo de incentivar os jogadores ao colocar algo que representasse a presença e a energia da torcida, mas ele afirma que a experiência foi triste. “Por mais que eu estivesse indo colocar a bandeira que nos representava, o estádio estava vazio,

e era horrível ver o jogo sabendo que não tinha ninguém lá”. Além disso, ele conta que torce por nunca mais passar por momentos como os vividos durante a pandemia, quando não era seguro que a torcida estivesse presente.

A ligação de Cardoso com o Santos Futebol Clube e com o Estádio Urbano Caldeira é uma herança de seu pai que, desde quando ele era criança, o levava para assistir aos jogos presencialmente. “Meu pai, para mim, é o motivo de eu ser santista, tanto que eu tenho uma tatuagem: pai e filho na Vila Belmiro, escrito ‘templo sagrado’ e ‘de pai para filho’”.

“A importância do Santos na minha vida é gigante. Não é só um time de futebol, engloba tudo para mim”, explica ele. “É mais que um clube, porque, graças ao Santos, eu fiz amigos, perdi amigos, vivi situações maravilhosas, outras nem tanto, e cada uma delas é uma história diferente... Eu dou graças a Deus pelo Santos estar na minha vida, sem ele eu não me sentiria completo”. Cardoso também compartilha que, se tornar membro da Torcida Jovem foi uma das melhores atitudes que teve. “Muitas pessoas só veem o lado ruim da torcida, mas ali você ganha disciplina, ganha uma razão, ganha companheiros com quem você se importa e encontra uma causa para defender. A Torcida Jovem é essencial no Santos Futebol Clube”.

Podendo escolher, trocar a presença no estádio pela TV também não é uma opção para ele. “Seja aqui, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais ou qualquer outro lugar que eu já tenha ido ver o Santos jogar. Prefiro mil vezes viajar e assistir à partida no estádio do que ver pela televisão”.

O professor, pesquisador e mestre em Psicologia Felipe Tavares Paes Lopes, possui experiência nas áreas de Comunicação, Psicologia Social e Estudos Socio-culturais do Esporte, atuando principalmente em temas como a construção de problemas sociais, ideologia, resistência, ativismo esportivo, culturas torcedoras, violência no futebol e jornalismo esportivo. De acordo com ele, é preciso observar que os torcedores estabelecem diferentes vínculos com seu clube do coração. Há, segundo o psicólogo, na taxonomia do sociólogo Richard Giulianotti, a seguinte classificação: os fanáticos, os seguidores, os fãs e os flâneurs - do substantivo francês flâneur, que significa “observador”. Os fanáticos geralmente possuem uma relação topofílica com os espaços do clube, ou seja, uma conexão sentimental com esses determinados lugares, e, além disso, uma relação de solidariedade densa com outros fanáticos. “O clube aqui constitui uma fonte privilegiada de sentido, identificação e pertencimento - que, talvez, outras instituições sociais não consigam mais fornecer”.

Sobre a ligação que os torcedores possuem com os estádios, Tavares explica que “esses são importantes espaços de formação identitária, de estabelecimento de vínculos afetivos e de produção de excitação. Ademais, a massa torcedora cria uma atmosfera única, que não pode ser reproduzida dentro de casa ou, até mesmo, num bar”, o que esclarece a origem da sensação de frustração provocada pelo afastamento repentino dos estádios durante a pandemia.

Tavares acrescenta que o laço familiar também é um reforçador do vínculo afetivo com o clube e vice-versa. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a relação pais/filhos reforçam os vínculos clubísticos, estes vínculos reforçam tais relações. ❖

DIVULGAÇÃO: JEFFERSON SOARES

FOTO: VANESSA RODRIGUES/ CESSÃO A TRIBUNA DE SANTOS

# Santos cada vez mais **SUBMERSA**

**ESTUDOS** mostram como a cidade é afetada pelos impactos das mudanças climáticas



Beatriz Araujo

O relatório deste ano do Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC), da Organização das Nações Unidas (ONU), foi claro: as mudanças climáticas causadas pela ação do homem são irrefutáveis e irreversíveis. Dentre isso, globalmente o nível do mar aumentou mais rápido desde 1900 do que em qualquer outro século. Em Santos, litoral de São Paulo, isso também é uma realidade. A cada ano, de forma mais intensa, o nível do mar sobe, as ressacas passam a ser mais frequentes e as marés altas mais duradouras. Isso é o que revela uma série de estudos sobre os impactos das mudanças climáticas na cidade, deixando evidente que há urgência de políticas públicas para evitar o pior.

Até 2050, em um cenário mais moderado, o nível do mar se elevará 18 cm em comparação a como estava nos anos 2000. Já em um cenário mais pessimista, aumentará 23 cm. Em 2100, pode chegar a 36 cm ou a 45 cm, nos respectivos cenários. Os dados são do Projeto MetrÓpole, uma iniciativa que começou em 2013 e foi desenvolvida em parceria entre Brasil (tendo Santos como região analisada), Estados Unidos e Inglaterra.

De acordo com a pesquisadora Célia Regina de Gouveia Souza, que integrou o Projeto MetrÓpole e acompanha praias

da Baixada Santista há mais de 25 anos, “há uma constante aceleração da taxa de elevação do nível do mar, principalmente nas últimas duas décadas. É uma realidade”.

Participante do Instituto de Pesquisas Ambientais, da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente de São Paulo (Sima) e do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (IOUSP), ela explica as projeções para Santos de 2050 e 2100. Ambas têm como base um nível de elevação do mar registrado entre 2004 e 2014 de 3,6 milímetros por ano, gerando o cenário moderado. No caso do cenário mais pessimista, os dados têm como base a projeção de 2014 até 2024, de 4,5 milímetros de aumento do nível do mar por ano.

Além disso, há uma possibilidade de danos acumulativos. Se houver um evento extremo a cada 100 anos na região, Célia analisa que em 2050 o mar atingirá uma cota máxima de 1 metro e 60 cm de elevação, se medido no momento da tempestade. Em 2100 pode chegar a 1 metro e 66 cm.

## IMPACTOS

De forma direta, este aumento do nível do mar em Santos afetará principalmente a região da Zona Sudeste da cidade, entre o Canal 4 e a Ponta da Praia, e a Zona Noroeste de Santos, nas áreas com palafitas. Estas foram as regiões analisadas no Mapa da Inundação, também do Projeto MetrÓpole.

Na Zona Sudeste, com base na pesquisa, há maiores

incidências de inundação costeira, quando a maré invade a Cidade e afeta as estruturas urbanas, e a erosão costeira, que é causada pela força das ondas que batem nas muretas da praia, por exemplo. No caso de Santos, são erosões de longo período em que a praia retoma seu equilíbrio em pouco tempo. No entanto, o problema retorna de forma crônica, cada vez mais forte, fazendo com as praias diminuam gradativamente.

Já na Zona Noroeste, o aumento do nível do mar gera a inundação costeira e também a continental, que acontecem com eventos de marés altas e muita chuva. “Há muita urbanização em cima dos manguezais antigos da cidade e isso transborda nas palafitas. A água não consegue escoar inteiramente, a maré sobe e tudo enche”, reconhece a pesquisadora Célia.

Este levantamento também registrou um cenário de danos. Com relação à área Sudeste, onde há uma concentração de prédios de alto custo, de forma cumulativa entre 2010 e 2100 o prejuízo por conta desses impactos “naturais” deve ser de 1 bilhão e 50 milhões de reais. Célia explica que esse é um valor venal, com base em dados da Prefeitura, podendo duplicar ao serem considerados valores de mercado.

## RESSACAS

As ressacas, de forma específica, são um fator expressivo na vida em Santos. De acordo com Célia, que desenvolve um amplo mapeamento referente a essas ocorrências, as ressa-

cas são elevações do nível do mar de curto período que a partir de 1999 tiveram um salto considerável na quantidade de aparições por ano. Utilizando um banco de dados baseado em notícias divulgadas em jornais da Baixada Santista, de 1928 a 2016 foram cadastrados 238 eventos, dentre ressacas e marés altas.

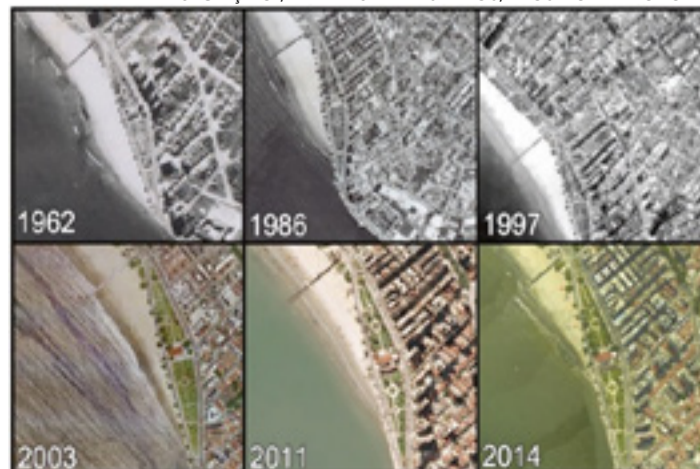
Para fins de análise, foram divididos os registros de 1928 até 1999 e os de 2000 a 2016. No primeiro intervalo, foram 27 ressacas registradas que causaram algum tipo de problema na orla ou no trânsito. Já de 2000 a 2016, foram registrados 88 eventos, triplicando o índice. “Isso significa que 66% aconteceram entre 2000 e 2016”, ressalta Célia.

Já de marés altas anônimas, que é quando há mistura de ressaca com fortes chuvas, como explica Célia, de 1928 a 1999 foram 65 casos

**MAIS de 60% das ressacas na praia de Santos aconteceram após os anos 2000, de acordo com pesquisa de Célia Regina de Gouveia Souza. A tendência é que os eventos se tornem cada vez mais frequentes e intensos**

e de 2000 a 2016 foram 58. “Não diminuiu, porque o intervalo de tempo é bem menor no último caso. Então, comparativamente, ainda aumentou quase uma vez”. Dessas, foram uma na década de 1960, três na década de 1970, 10 na de 1980, três na de 1990, 19 na de 2000 e 14 entre 2010 e 2016, em apenas seis anos. “É chocante”.

DIVULGAÇÃO / PREFEITURA DE SANTOS/PROJETO METRÓPOLE



**COM o passar dos anos, a faixa de areia da praia de Santos se modifica: reduzindo constantemente**

## ...Santos cada vez mais **SUBMERSA**

Ou seja, no total, 61,4% de todos os eventos registrados aconteceram a partir dos anos 2000: 146 dos 238 eventos. Além da frequência, a duração dos eventos e da magnitude também se agravaram. “Temos dados mostrando que a coisa está piorando. O cenário promete bastante confusão”, considera a pesquisadora.

### POLÍTICAS PÚBLICAS

“Estes são os principais riscos que os atores governamentais associam com as mudanças climáticas”, afirma a pesquisadora Fabiana Barbi, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam/Unicamp), considerando pesquisa que fez sobre o aumento do nível do mar e enchentes em Santos. Porém, ela explica que apenas a partir de 2014 isto começou a se refletir em estratégias e ações na cidade.

A partir do Projeto Metrôpole, a Prefeitura passou a elaborar o Plano Municipal de Mudanças Climáticas de Santos (PMMCS), que foi divulgado em 2016. “Santos acabou tendo um papel de destaque ao publicar seu plano meses depois do Plano Nacional de Adaptação (2016)”, complementa Barbi.

De acordo com a Prefeitura de Santos, por meio da Secretaria de Meio Ambiente (Semam), neste ano o PMMCS está em fase de atualização, foi criado a Seção de Mudanças Climáticas (Seclima) e está havendo a co-criação do Índice de Risco Climático e Vulnerabilidade

Socioambiental.

“As alterações climáticas e os seus impactos na qualidade de vida da Cidade são questões prioritárias para a Secretaria de Meio Ambiente”, afirma o secretário da pasta, Márcio Gonçalves Paulo. Segundo afirma, Santos é um município-referência nessa questão. A Cidade mantém um departamento exclusivamente criado para desenvolver políticas públicas baseadas em ciência, envolvendo pesquisadores de vários centros de estudos. E arremata: “Nosso compromisso está baseado nessas ações, nas parcerias internacionais já conquistadas e nos trabalhos em desenvolvimento”.

Um dos trabalhos implantados pela prefeitura em curto prazo é o Projeto Piloto para Mitigação e Monitoramento dos Efeitos Erosivos da Ponta da Praia, conhecido como GeoBags. Por ser pioneiro, o projeto, desenvolvido em escala natural em 2018, segue em fase de monitoramento, para que possa virar um projeto definitivo. As GeoBags são “grandes armadilhas de areia”, que amortecem as ondas que invadem a infraestrutura urbana.

Para Barbi, este é um exemplo de solução baseada na natureza, que tem se mostrado efetiva. “Há toda uma corrente em ascensão que entende que a melhor forma de combater e se adaptar aos efeitos das mudanças climáticas é pensando em soluções baseadas na natureza, a utilizando a nosso favor com consciência”. ❖

FOTO: VANESSA RODRIGUES/ CESSÃO A TRIBUNA DE SANTOS



**A PONTA da Praia e a Zona Noroeste são os pontos mais afetados em Santos pelas mudanças climáticas e o consequente aumento do nível do mar**

## CHEGOU A SUA VEZ DE FAZER UM CURSO SUPERIOR TOTALMENTE GRATUITO DO INÍCIO AO FIM

Bolsa de 100% para as licenciaturas presenciais em uma das melhores universidades do País. Concorra com seu número de inscrição do ENEM.

- ✓ PEDAGOGIA
- ✓ LETRAS
- ✓ CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
- ✓ MATEMÁTICA



FAÇA SUA INSCRIÇÃO AGORA E JUNTE-SE A NÓS!



UNISANTOS.BR

70 ANOS UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

EXCLUSIVO PROGRAMA MEC PROJETO INOVADOR DE FORMAÇÃO



FOTOS: ARQUIVOS PESSOAIS



# Nostalgia GAMER

**REVISITAR** games favoritos da infância causa nostalgia aos jogadores. A indústria aproveita reeditando obras antigas

Matheus Degásperi Ojea

Entre os amantes do videogame, existem desde aqueles que jogam no tempo livre para desestressar até quem vive dos jogos como profissão. O que todos eles têm em comum é a paixão pela mídia, que muitas vezes vem desde a infância. Alguns jogadores revisitam com frequência os seus games favoritos, lembrando de momentos e sensações que sentiram ao jogar eles pela primeira vez. Essa nostalgia também gera frutos para a indústria, que lança novas versões de sucessos antigos.

A ideia de videogame antigo pode trazer à mente os primeiros jogos para consoles como o Atari, no entanto, conforme os anos passam e novas gerações de aparelhos chegam ao mercado, games que foram sucesso nos anos 2000, por exemplo, já recebem o tratamento de clássico. É o caso de Grand Theft Auto: San Andreas, um dos títulos mais populares da franquia conhecida por sua sigla: GTA. O jogo, lançado originalmente em 2004, foi relançado para as novas gerações nesse ano com uma remasterização e outros dois games da série no mesmo pacote.

Para o jornalista especializado Diego Corumba, o mercado



da nostalgia pega tanto jogadores que nunca tiveram contato com os títulos antigos como também aqueles que querem reviver a sua experiência com o jogo. A iniciativa, no entanto, nem sempre é sinônimo de sucesso: "Tem pontos negativos que podem comprometer bastante aquilo que já é conhecido,

desde uma adaptação mal feita para o novo console até mudanças que podem tirar a identidade do que a pessoa já conhecia".

Além de trabalhar na área, Corumba é gamer desde criança, quando jogava no Atari do pai, desde então passou por todas as gerações de consoles, tendo também games aos quais de-

**DAVID**  
Rayel é apaixonado pela história dos videogames. Aqui ele posa ao lado do primeiro arcade de fichas da Atari no mundo

dica mais carinho, como os da franquia Pokémon ou Mortal Kombat. "Eu revisito a franquia Pokémon, são jogos que envelheceram bem. Em outros casos, vou na evolução natural da franquia, por exemplo o game Mortal Kombat 11, estes revisitam eventos do passado e não deixam as memórias antigas descansarem tanto".

Para o colecionador e técnico de manutenção de games, David Rayel, que atualmente trabalha no Museu do Videogame Itinerante, fazendo exposições pelo Brasil, mais do que os jogos propriamente ditos, visitar obras antigas é uma experiência sensorial: "Traz a sensação de que você está no mesmo lugar de 20 ou 30 anos atrás, nada é mais legal que isso. Não importa qual game, aqueles que você jogou ou mesmo os antigos que você não conhecia".

A conexão com o passado também atravessa gerações. Segundo Rayel, os games que mais chamam a atenção nas exposições são os mais antigos: "sempre tem um pai mostrando pro filho como era na sua época".

Já para o assistente de exportação Gustavo Capurso Buck Gomes, o videogame nem sempre foi algo acessível. Ele comprou o seu primeiro console, um Playstation 4, nesse ano, apesar de jogar desde os seis anos de idade, nas casas de seus amigos ou parentes. Ter o console, para ele, é a realização de uma vontade que vem desde a infância.

O aparelho pode até ser novo, porém já traz memórias antigas à tona. "Fiquei muitos dias jogando GTA e foi muito bom, me lembrou da minha adolescência indo em lan houses. Os jogos da série Crash Bandicoot eram os que eu mais jogava na infância, eu jogo até hoje, passei a frequentar uma hamburgueria porque lá tem os jogos antigos, se deixar eu fico a noite inteira jogando, traz uma sensação muito boa", afirma Capurso.

A estudante Samantha Dadazio responsabiliza os videogames por moldar parte do seu senso crítico. Além da jogabilidade por si só, também chama a sua atenção a narrativa dos jogos. "Eu vejo videogames de uma maneira parecida com a que eu vejo outras mídias, eu quero uma história, alguma coisa única", destaca.

A estudante costuma revisar jogos antigos de tempos em tempos, um de seus favoritos é o Shadow of the Colossus, lançado originalmente em 2005 para o Playstation 2. Samantha jogou o game pela primeira vez aos 10 anos, jogando de novo, ela percebe o impacto que a obra deixou em sua vida. "Foi muito formativo pra mim, diz muito sobre os meus gostos até hoje, até fora dos videogames".

**DIEGO**  
Corumba passou por todas as gerações de videogame desde o Atari

Marcela A. Morone

Em 1988, o cantor Ca-  
zuzza mandou o Brasil  
mostrar a sua cara. Mas,  
qual é a cara  
do Brasil?  
Em um país  
cultural e et-  
nicamente  
miscigenado, aqui,  
todo mundo é dife-  
rente. Entre negros,  
brancos, asiáticos,  
indígenas e vários  
outros, o Brasil não  
tem uma cara só.  
Toda essa “mistu-  
ra” pode complicar  
na hora das pessoas  
descobrirem suas  
verdadeiras raízes.  
Para isso, existem  
testes de ancestra-  
lidade, que ajudam  
pessoas a se reco-  
nectar com o lugar  
de onde elas vieram.

O jornalista de  
A Tribuna, Júnior  
Batista, realizou o  
teste pelo laborató-  
rio Genera, pioneiro  
no Brasil no ramo  
de genômica pesso-  
al. “Uma tia minha  
falou que alguém da  
família tinha um so-  
brenome esquisito,  
que chamava Fabí-  
licio. Eu sempre tive  
vontade de saber de  
onde era e queria  
descobrir se eu tinha  
algum ascendente  
fora daqui”, explica.

Segundo o la-  
boratório Genera,  
a decodificação do  
DNA é feita com  
uma técnica de análise cha-  
mada microarray, em que 700  
mil pontos do DNA de uma  
pessoa são analisados, o que  
possibilita a comparação de  
características e genes dela  
com a de povos ao redor do  
mundo. O teste, que custa R\$  
199, é feito por meio de um kit  
enviado pelo laboratório, em  
que a pessoa coleta sua saliva  
com um cotonete e manda de  
volta para análise.

Júnior Batista nasceu em  
Itanhaém e sua família na  
Baixada Santista é muito pe-  
quena. Seus avós maternos  
nasceram em Guarabira, na  
Paraíba, e posteriormente se  
mudaram para Campina Gran-  
de. Mais tarde, vieram para a  
região. Segundo o jornalista,  
sua bisavó pela parte da avó  
materna é descendente de  
povos indígenas.

A decisão de fazer o teste  
veio por influência de um casal



ACERVO: ENTREVISTA

meu avô paterno era de Por-  
tugal, a minha avó do interior  
de São Paulo. Os dois brancos.  
Já os meus avós maternos,  
ambos negros, vieram do Nor-  
deste. Mas eu não  
tinha detalhes ou  
informações mais  
precisas. Eu mesmo  
só conheci meu avô  
materno. Os demais  
já haviam morrido”,  
explica.

Fernandes fez o  
teste pela empresa  
israelense MyHeri-  
tage, que é referên-  
cia no ramo da gene-  
alogia, e descobriu  
genes que batem  
com grupos genéti-  
cos característicos  
do oeste e do norte  
da África. O teste  
disponibilizado pelo  
MyHeritage custa  
cerca de R\$ 429 e a  
análise é feita fora  
do Brasil.

Após realizar  
o teste, Júnior teve  
uma surpresa. “No  
fim das contas, des-  
cobri que tem um  
grande pedaço da  
minha família que  
veio da Itália, que  
pode ser que sejam  
esses Fabílicios. Mi-  
nha tia falava que  
tinha uns familiares  
que pareciam eu-  
ropeus. Descobri,  
também, que tem  
muita porcentagem  
tupi-guarani no meu  
sangue, tem a parte  
italiana e a parte  
lusitana”, explica.

No Facebook, há  
grupos de genealogia

com milhares de membros, em  
que os participantes se auxi-  
liam na busca de documentos e  
histórias de seus antepassados.  
O destaque fica para os grupos  
de genealogia sefardita, que  
reúnem pessoas descendentes  
de judeus de Portugal e da  
Espanha, que foram expulsos,  
convertidos ou assassinados  
pela Santa Inquisição da Igre-  
ja Católica a partir do ano de  
1492.

Júnior ressalta a impor-  
tância de haver acessibilidade  
a esses tipos de teste no Brasil.  
“Os testes ajudam as pessoas a  
tentarem descobrir mais e a se  
conectar, com isso, elas podem  
construir a sua própria histó-  
ria. Se você tem conhecimento  
sobre seus antepassados, você  
consegue construir seu futuro.  
Uma nação que tem conheci-  
mento sobre sua história, tem  
argumentos para construir  
um futuro”, finaliza. ❖

# RAÍZES

**TESTES** de ancestralidade feitos por  
laboratórios permitem traçar origens  
geográficas de antepassados

de amigos de Júnior, Alexandre  
Fernandes e Daniela Paulino, com  
quem sempre conversava sobre  
ancestralidade. “O Alexandre  
conseguiu achar a certidão de  
casamento da minha bisavó na  
internet. Mas não conseguimos  
achar nada dos meus bisavós

que têm o sobrenome estranho”,  
relembra.

Fernandes, que também é  
jornalista, diz que sempre gostou  
muito de genealogia. “O teste  
poderia me dar uma ideia das  
regiões do mundo de onde meus  
antepassados podem ter vindo. O

# CRISE hídrica: qual o futuro?

Daniel Gois,  
Gabriel Bruno e Lílian Rabelo

**B**rasil atravessa a pior crise hídrica dos últimos 90 anos. A situação começa a preocupar especialistas e levantar questionamentos sobre o futuro. A escassez de água vai além de torneiras secas, desprovemento do saneamento básico, e da tarifa de energia mais cara. O risco de um apagão no país e os impactos na economia são pontos que preocupam o amanhã das próximas gerações.

“É importante salientar: a escassez de água não é só pela falta dela, mas também pela poluição. Na verdade, não só as águas superficiais, as águas dos rios, como também a água dos aquíferos estão sendo poluídas. Isso também impacta na disponibilidade e na oferta de água.”, ressalta o climatologista Rodolfo Bonafim, especializado em energia e meio ambiente.

Segundo Bonafim, a alteração no padrão do volume da chuva e o conseqüente aceleração da crise hídrica têm a ver com a ação humana. O crescimento desordenado da população e a má gestão pública também são fatores colaboradores. “Praticamente somos 46 milhões de habitantes no Estado de São Paulo. Fora aqueles não cadastrados e aqueles que, infelizmente, pela pobreza, invadem áreas de mananciais e de morros para construir suas residências”, pontua.

Mudanças climáticas, desmatamento e a emissão de gases de efeito estufa são outros fatores que contribuem para o momento de falta d’água. “A mudança climática existe. As ondas de calor têm sido maiores nos últimos anos. Isso tudo tem provocado essa crise hídrica. Essa crise que tem feito o nível dos reservatórios baixar nos últimos anos. Existe aquecimento da atmosfera e, portanto, menor oferta de água”, conclui.

Segundo o pensamento, o meteorologista da Defesa Civil de Santos, Franco Cassol, destaca que apesar do Brasil ter uma grande disponibilidade de água, “o crescimento populacional e a mudança de uso e ocupação do solo criaram uma pressão muito grande sobre o sistema hídrico

e que vem aumentando cada vez mais. Isso é um processo que vem de décadas.”

## CHANCE DE APAGÃO

De acordo com os especialistas, todos esses fatores apontam que existe a possibilidade de



FOTOS: ARQUIVOS PESSOAIS

**BONAFIM** fala em “cheque especial

o País registrar apagões elétricos. Bonafim explica que há a tentativa de evitar o possível problema. Entretanto, estamos emitindo um ‘cheque especial’.

“Estamos acionando as termoeletricas para tentar evitar o apagão. Só que nós estamos entrando num tipo de cheque especial. As termoeletricas são movidas a diesel, combustíveis tóxicos que vão gerar mais gases de efeito estufa, contribuindo ainda mais para o aquecimento global e piorando a crise hídrica”, afirma o climatologista.

## HORÁRIO DE VERÃO

Cassol cita o horário de verão como amenizador do risco iminente de apagões. Com o objetivo de reduzir o consumo de energia elétrica, aproveitando a luz natural em relação à artificial, adiantando os relógios em uma hora, a iniciativa foi extinta pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido) em abril de 2019.

“Pelo que se sabe do sistema energético, o horário de verão diluiria o pico de demanda de energia, de gasto de energia. Ou seja, atualmente a gente tem um horário de máximo de gasto de energia, de demanda energética pela população, que seria no início da noite, quando todo mundo está usando. Com o horário de verão, isso diluiria um pouco. Esse pico reduziria a pressão no sistema energético nacional e o risco de apagão”, explica Cassol.

Entre as estratégias para enfrentar a crise de água, Bonafim lembra da responsabilidade e conscientização da população. “O uso racional da água

deve ser praticado em qualquer lugar do Brasil, mesmo numa região tão chuvosa, tão abundante de água como é a região do Litoral Paulista. Porque nós dependemos justamente dela”, enfatiza. ❖



**CASSOL** alerta para pressão no sistema hídrico



A reportagem foi produzida a partir do programa radiofônico Mesa Redonda, da Universidade Católica de Santos, gravado pela Equipe 2, com Franco Cassol e Rodolfo Bonafim, no dia 19 de outubro de 2021, e transmitido pela Rádio Boa Nova FM (96,3Mhz), de Praia Grande





# [ Reflexões sociais ] [ pós pandemia ]

Beatriz Ornelas,  
Marcella Passaes e  
Victória Brugger

FOTOS: SARQUIVO PESSOAL

**N**a pandemia de Covid-19, a ansiedade tem sido a condição mental mais presente, junto com a depressão. Tanto no início quanto agora, mais próximo do fim, a ansiedade foi resultado do receio do desconhecido que vinha junto com um novo vírus e, com isso, conexões sociais foram deixadas de lado em prol do isolamento social.

Atualmente, com o avanço da vacinação, está sendo permitida a retomada gradual das atividades, mas de haver muitas pessoas aliviadas com a situação, ainda há quem se preocupe também em como agir com os outros depois de tanto tempo isolado, em uma zona de conforto.

Mesmo antes da pandemia, grande parte da população já caminhava para uma sociedade menos conectada fisicamente, com menos vínculos e que poderiam ser trocadas a qualquer momento, por não ter sustentabilidade suficiente. Certas pessoas acabaram substituindo o objeto da angústia, que antes era de se adaptar e buscar estar entre os semelhantes, pelo distanciamento.

A psicóloga Claudia Alonso acredita que muitos jovens nem sequer aprenderam a se relacionar com o mundo antes de que a pandemia começasse por serem tão novos e iniciassem a vida já em meio a essa situação, se relacionando então apenas com aparelhos eletrônicos. “É como se existisse uma nebulosidade, faltasse convivência de fato e intimidade uns com os outros”, contou.

“As relações que já eram superficiais, com o uso do celular e das mídias sociais, passaram a ser extremamente prejudicadas”, de acordo com o psiquiatra Bruno Reis. Com isso, adolescentes, por exemplo, passaram a ficar mais ansiosos, sem paciência



**PARA** o psiquiatra Bruno, os adolescentes passaram a ficar mais ansioso



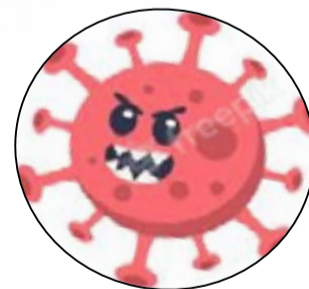
e acostumados apenas com as aparências. Será necessário que os mesmos entendam melhor os próprios sentimentos para depois conseguir estabelecer relações sociais minimamente saudáveis.

Os reflexos da pandemia estão presentes no dia a dia. As pessoas estão mais ansiosas, estressadas, com insônia e com outros sintomas que não existiam em grande potência antes desse período. Ainda de acordo com Bruno Reis, dados oficiais apontam um aumento em 2020 de mais de 50% na busca por serviços de saúde mental, partindo de novos pacientes.

O cenário atual se constitui em três grupos: quem nunca teve nada acabou ficando muito mais suscetível a ter algo e/ou passou por algum problema psicológico; quem já tinha e estava tratando, piorou e quem já teve e fez algum tratamento em determinado momento da vida, retornou com a ansiedade e afins buscando por ajuda novamente.

Apesar de toda fragilidade emocional existente, a psicóloga Cláudia ressalta que a vida nunca será exatamente do jeito que as pessoas querem e vislumbram, já que é normal que existam anseios e medos, sendo assim é necessário também que haja paciência e resistência à frustração. “Quem tem tudo que quer na vida, nunca está feliz também e existe uma grande diferença entre ter ansiedade e ter transtorno de ansiedade, que é uma doença”, afirmou. ❖

**A PSICÓLOGA**  
Cláudia ressalta que a vida nunca será exatamente do jeito que as pessoas querem e vislumbram



## EXPEDIENTE

**PDF PÁGINAS ABERTAS** é o projeto de Interdisciplinaridade desenvolvido nas disciplinas Projeto de Jornalismo Impresso e Projeto de Radiojornalismo, ambas no 7º semestre do curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

## Encarte especial do Jornal Entrevista, edição dezembro 2021

**AS ENTREVISTAS E REPORTAGENS ORIGINAIS FORAM PRODUZIDAS PARA OS RADIOJORNALS**  
Litoral News (Fabrizio Neitzke, Laila Oliveira e Thauana Marcolino);  
Ponte Esportiva (Daniel Gois, Gabriel Bruno, Lilian Rabelo);  
Entrecultura (Matheus Ojea, Marcela Alonso, João Lucas Santos);  
Foca que Muda (Beatriz Araújo, Isabela Weiss);  
Mavibe (Victória Brugger, Marcella Passaes, Beatriz Ornelas).

### COORDENAÇÃO:

José Reis (MTB 12.357); Marcelo Di Renzo (MTB 11.008);  
Paulo Bornsen (MTB22.201); Teresa Cristina Tesser (MTB 15.379).

**Endereço:** Redação: Avenida Conselheiro Nébias, 300  
- Vila Mathias, Santos - SP - CEP: 11015-002 -  
**E-mail:** entrevista@unisantos.br As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade de seus autores.

DIVULGAÇÃO: PMG/ HELDER LIMA

# Guarujá projeta a melhor temporada da década



**NO FINAL** de ano, a cidade pode alcançar uma população flutuante de mais de 1 milhão de pessoas

ARQUIVO PESSOAL



**PEDRO** Genovese é empreendedor e administrador

**S**etor de turismo e de locações de apartamentos sofreram durante a pandemia, mas há rumores que o final de 2021 trará a maior quantidade de pessoas já vista na cidade do Guarujá. Com a chegada da pandemia, o setor de turismo e de locações de apartamentos e suítes sofreram drasticamente. O secretário de turismo do Guarujá, Fábio Santos, comenta sobre o tanto que o setor de turismo na parte de entretenimento como shows, teatros, eventos, sofreram. Pedro Genovese, que é administrador e que possuem apartamentos e suítes para alugar, deu ênfase que ele e seu sócio tiveram que deixar a locação de apartamentos de lado, pelo fato de não haver nenhuma procura, mantem somente as suítes (locais menores onde a quantidade de pessoas, é mais limitada).

Apesar disso, com a “melhora” da pandemia em vista, Pedro comenta sobre a alta procura para as locações na temporada, disse que de 10 suítes, 9 já foram alugadas para as festas de final de ano. Mesmo sendo comunicado que não haverá fogos de artifício nas praias do Guarujá da Prefeitura, Fábio e Pedro comentam sobre hotéis e condomínios que farão a sua própria queima de fogos. Deixando então o questionamento, haverá alguma diferença sendo ou não da Prefeitura? O que acontecerá após essa temporada? Tendo em vista que Guarujá é uma das cidades da Baixada Santista que menos vacinou pessoas. ❖

PMG: HELDER LIMA



**FÁBIO** Santos é Secretário de Turismo do Guarujá

Beatriz Ornelas, Marcella Passaes e Victória Brugger



Baixe e-BOOKS

**GRÁTIS**

- Mais de 40 títulos com conteúdo completo;
- Logística, Educação, Filosofia, Saúde, Direito, Psicologia e Arquitetura;
- Prontos para full download;
- Não precisa preencher fichas ou cadastro;

[www.unisantos.br/editora/e-books/](http://www.unisantos.br/editora/e-books/)

ou pelo QR-code



# Diversidade em quadrinhos

**Matheus Degásperi Ojea**  
**Marcela Morone**  
**João Lucas Alves**

Antes mesmo de ser lançada, a quinta edição da revista em quadrinhos Superman: Son of Kal-El sofreu ataques de leitores e também de não leitores de HQs. O motivo foi o fato de que a história revela a bissexualidade de Jon Kent, filho do Superman, personagem clássico dos quadrinhos de super-herói norte-americanos. O jogador de vôlei Maurício Souza, por exemplo, teve o contrato com o time Minas Tênis Clube revogado, após se posicionar contra o quadrinho nas redes sociais.

Não é a primeira vez que a diversidade em quadrinhos de super-heróis causa reação no Brasil. Em 2019, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, censurou um compilado de histórias do grupo de super-heróis Vingadores que trazia um beijo entre dois personagens masculinos, o tiro acabou saindo pela culatra, com as vendas do quadrinho aumentando.

Segundo a pesquisadora de histórias em quadrinhos, Dani Marino, exemplos de histórias como as citadas deveriam ser mais recorrentes, de maneira a refletir

a sociedade, que é diversa. No entanto, existe resistência. “As pessoas vão procurando brechas na medida do possível e se inserindo, porque esse espaço não é um espaço que é dado. As pessoas vão chutando portas e abrindo o seu espaço. Eu acredito que inserir personagens LGBTQIA+ em todos os lugares é o ca-

minho certo, porque essas pessoas estão em todos os lugares”.

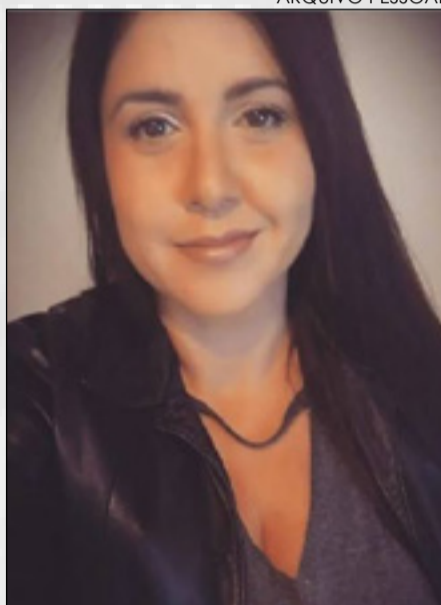
O jornalista do site Maré Geek e apresentador do programa Hquê no youtube, Sérgio Marques, começou a produzir o seu programa após ler a HQ Jeremias: Pele, obra escrita por Jefferson Costa e Rafael Calça e estrelada pelo personagem

Jeremias, de Maurício de Souza, que traz a temática do racismo. “Eu percebi que esses temas de relevância social também podem ser discutidos através da cultura pop, através dos quadrinhos, e eu quis começar a levar esse tipo de conteúdo pro youtube, pras redes”.

A importância das histórias em quadrinhos para

conscientizar é grande, devido ao seu amplo público. “Quando você faz isso no Superman, que é um dos personagens mais reconhecidos do mundo, você tá reforçando e naturalizando a ideia de que essas pessoas existem e elas podem ser superpoderosas, elas podem ser justas”, destaca Dani Marino. ❖

ARQUIVO PESSOAL



**“EU ACREDITO** que inserir personagens LGBTQIA+ em todos os lugares é o caminho certo”, afirma Dani Marino pesquisadora da área

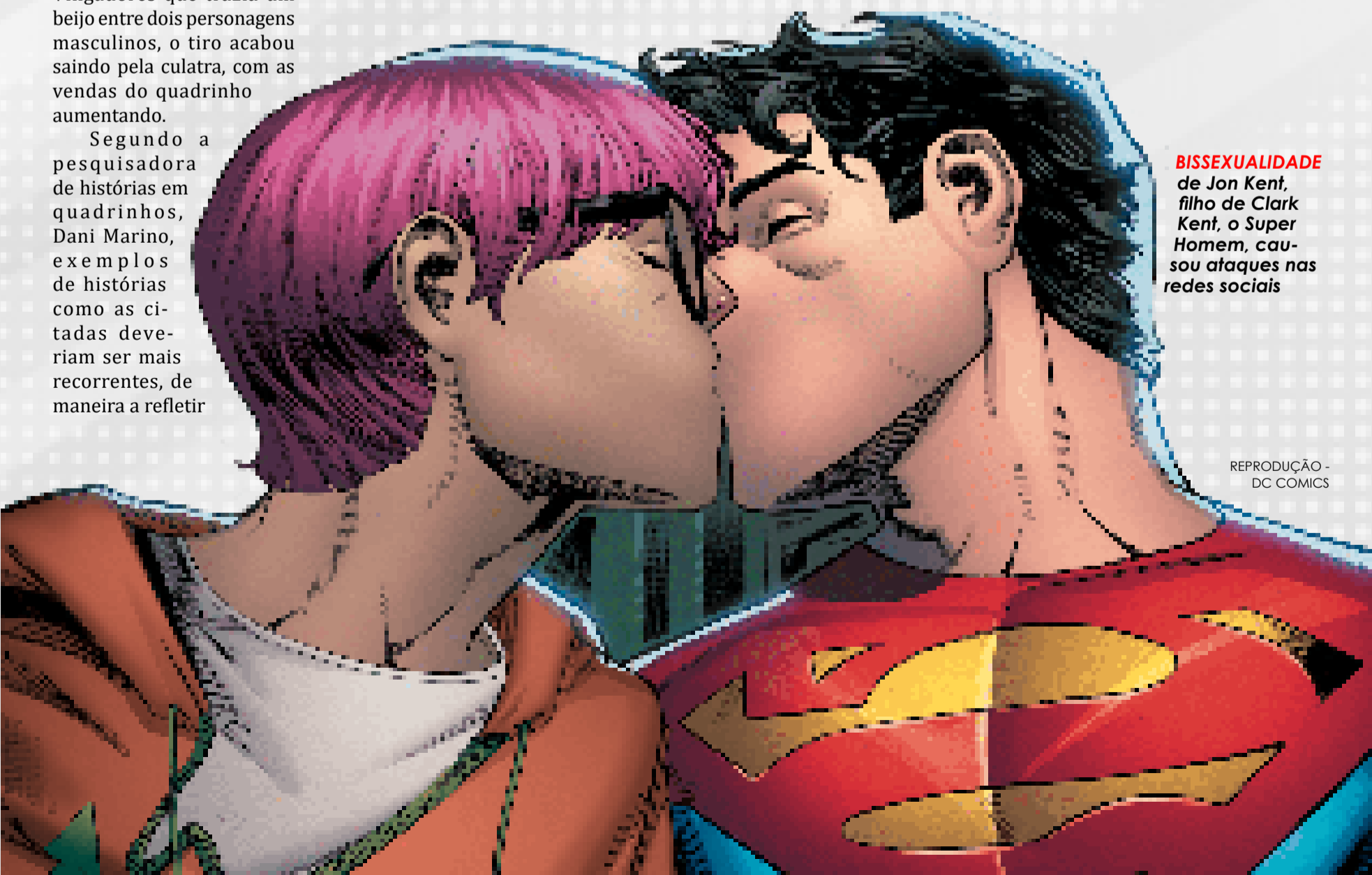
REPRODUÇÃO - MARÉ GEEK



**SÉRGIO** Marques apresentador da série de vídeos Hquê (a direita), acredita que “esses temas de relevância social também podem ser discutidos através da cultura pop

**BISSEXUALIDADE** de Jon Kent, filho de Clark Kent, o Super Homem, causou ataques nas redes sociais

REPRODUÇÃO - DC COMICS



**CHEGOU  
A HORA  
DE FAZER A  
DIFERENÇA**



**2022**  
**VESTIBULAR**



**PRESENCIAL**



**EAD**

**QUALIDADE COMPROVADA**

**EXCELÊNCIA E INOVAÇÃO AGORA AO SEU ALCANCE**

**PROVA ONLINE  
AGENDADA**

**JUNTE-SE A NÓS EM**  
[unisantos.br/ vestibular](https://www.unisantos.br/vestibular)



**A  
N  
O  
S**

**UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE SANTOS**

**FAÇA UMA UNIVERSIDADE ÚNICA**